

MARÇO DE 2026  
EDIÇÃO Nº 7

# ISSONÂNCIA

## O BARD E O BANJO

*A coragem de  
começar na  
Paulista e  
continuar*



**TONFIL**

*A voz que  
emoldurou a  
poesia do Pajeú*

**ROGÉRIO ESPÓSITO**

*A maestria da  
engenharia  
e a paixão  
da música*



**JULIANA FÁRO**

*O olhar que  
a IA não  
tem*



**RAIO-X DO ÁLBUM**

*A jornada  
introspectiva de  
Matheus Gomes  
Lima e o disco  
Carnaval*



## EDITORIAL – 7ª EDIÇÃO

A dissonância não é erro, é o som que desafia a harmonia fácil e revela o que realmente faz diferença na arte. Nesta sétima edição, a revista chega mais madura, mais afiada e ainda mais comprometida com vozes insistentes e que nem sempre se encaixam no padrão comercial.

A capa traz “*O Bardo e o Banjo, a coragem de começar na Paulista e continuar*”, entrevista com **Wagner Creoruska**, fundador da banda que transformou a rua em palco e a persistência em obra.

Do coração do Pajeú, em Pernambuco, chega **Tonfil**, neto do lendário repentista Louro do Pajeú. Ele abre o baú familiar e conta como carrega um legado que ao mesmo tempo honra e pesa.

Estreamos, com orgulho e exigência, a coluna “**O Raio-X do Álbum**”. Para a primeira dissecação, escolhemos o disco “Carnaval”, de **Matheus Gomes Lima**. Não é uma resenha leve: entramos camada por camada no trabalho do cantor carioca, expondo intenções, acertos, riscos e o que esse registro revela sobre o momento da canção autoral no Rio e no país.

Reforçamos ainda o time com o novo colunista **Rogério Espósito**, que traz profundidade e visão crítica para mapear e analisar a cena autoral brasileira com a seriedade que ela merece. Suas contribuições chegam para elevar o nível do debate musical nesta revista.

E direto de Belém do Pará, a fotógrafa **Juliana Fáro** nos entrega um testemunho necessário: o que significa construir carreira como mulher, independente, na Amazônia, longe dos grandes centros de produção cultural do Sul e Sudeste. Seus relatos expõem os obstáculos concretos, o machismo estrutural ainda presente e a resiliência diária para afirmar seu olhar e seu trabalho.

Esta edição é sobre coragem em diferentes tons: a coragem de começar na rua, de dar continuidade a um legado familiar, de lançar um álbum que não segue fórmulas, de escrever com rigor sobre música e de fotografar o mundo a partir de onde poucos olham.

Que a dissonância continue incomodando o previsível.

Bem-vindos à 7ª edição da Dissonância.


Boa leitura.

Tião Folk  
Editor – Revista Dissonância

Entre em contato conosco e descubra como fazer parte do ecossistema Dissonância

[contato@dissonancia.com](mailto:contato@dissonancia.com)

DISSONANCIA.COM

 (21) 96736-6260

 @dissonanciabr

 @dissonanciabr

#### CONTATO / IMPRENSA

Para dúvidas e sugestões de pautas, entrar em contato com o Editor Responsável da Dissonância.

#### TIÃO FOLK

Email: [tiaofolk@dissonancia.com](mailto:tiaofolk@dissonancia.com)

Tel / Whatsapp: (41)98783-9137

Instagram: @tiaofolk

[www.tiaofolk.com](http://www.tiaofolk.com)

Músico, cineasta e jornalista cultural independente. Fundador e editor responsável pelo portal Dissonância, dedica sua atuação ao mapeamento da cena artística independente brasileira. Assina a coluna de perfis biográficos da revista com ênfase em música regional e folk urbano; produz curtas-metragens autorais e clipes. É também apresentador do programa Tião Folk, veiculado em rádios web do Brasil.

Divulgue sua marca na Dissonância

REVISTA  
**DISSONÂNCIA**

ENVIO DE MATERIAL:  
[contato@dissonancia.com](mailto:contato@dissonancia.com)  
(21) 96736-6260

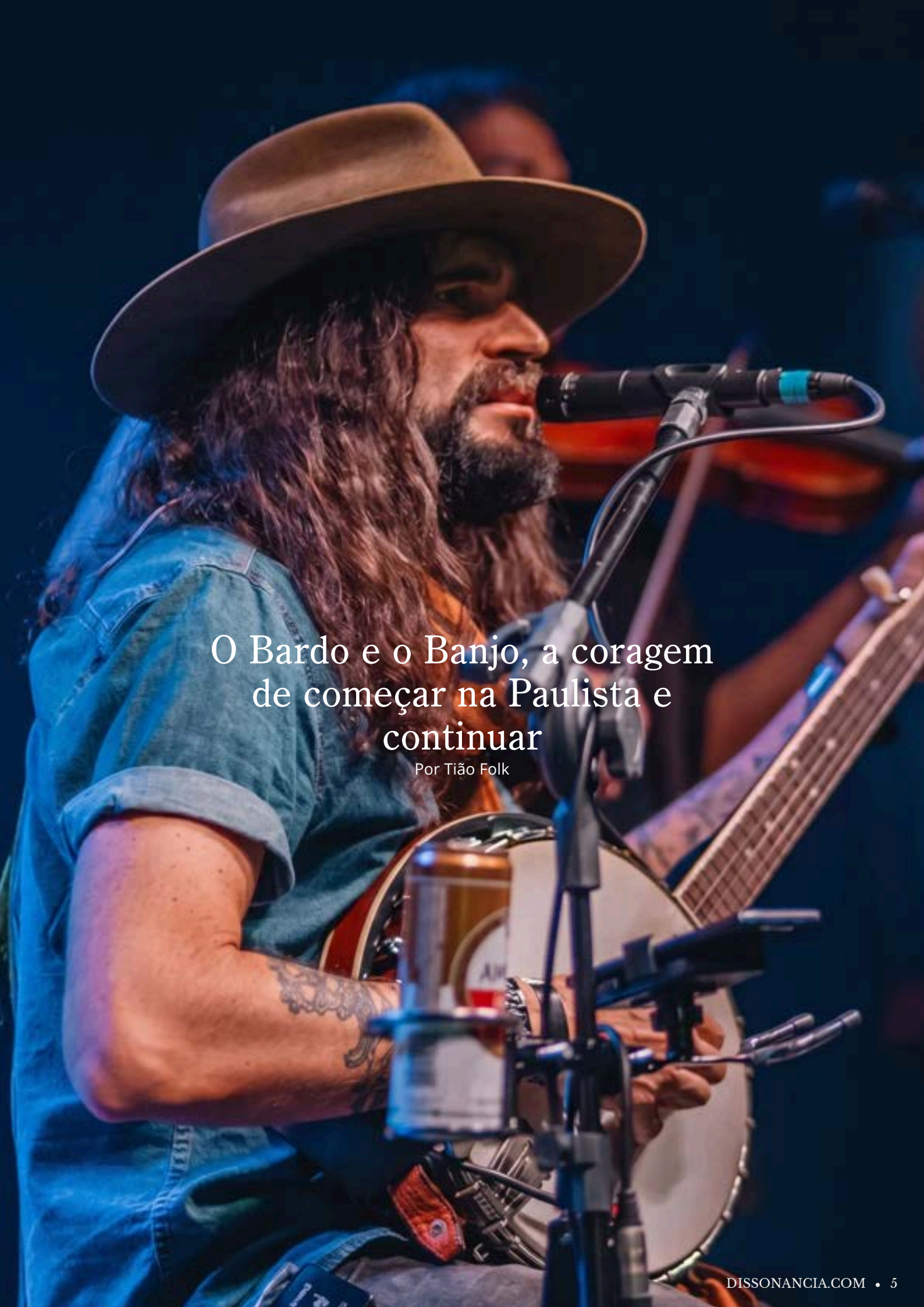
#### OUÇA AS RÁDIOS PARCEIRAS



ALTERNATIVA  
ROCK

## ÍNDICE

- 05 - O Bardo e o Banjo, a coragem de começar na Paulista e continuar
- 11 - O Bardo e o Banjo em dissonância: entrevista exclusiva
- 16 - Página bio-discográfica: O Bardo e o Banjo
- 17 - Raio-X do Álbum Carnaval: A jornada introspectiva de Matheus Gomes Lima
- 23 - Página bio-discográfica: Matheus Gomes Lima
- 24 - Até o Final da Estrada - um poema de Val Porto
- 25 - O olhar que a IA não tem: Juliana Fáro, a fotógrafa que trocou a zona de conforto pela lente, e nunca mais parou
- 34 - Juliana Fáro em dissonância: entrevista exclusiva
- 37 - Tonfil: a voz que emoldurou a poesia do Pajeú
- 42 - Tonfil em dissonância: entrevista exclusiva
- 47 - Página bio-discográfica: Tonfil
- 48 - Rogério Espósito: A maestria da engenharia e a paixão da música na Revista Dissonância
- 52 - Rogério Espósito em dissonância: entrevista exclusiva
- 54 - Página bio-discográfica: Rogério Espósito
- 55 - Um conto de Hélio Silva: Uma espã nos tempos de Machado
- 60 - Movimento Cultural Brasileiro: Explorando a Cena Autoral Brasileira

A close-up, side-profile photograph of a male musician with long, dark, wavy hair and a full beard. He is wearing a wide-brimmed, light brown hat and a blue denim shirt with rolled-up sleeves. He is playing a banjo and singing into a microphone. The background is dark and out of focus, showing other band members and instruments like a violin and a double bass. The lighting is dramatic, with blue and purple hues.

O Bardo e o Banjo, a coragem  
de começar na Paulista e  
continuar

Por Tião Folk

Dizem que o brasileiro médio só reconhece um banjo se ele estiver acompanhado de um pandeiro e uma grade de cerveja morna. Mas em 2012, na Avenida Paulista, Wagner Creoruska resolveu testar a paciência paulistana com uma proposta diferente: o bluegrass. Para quem faltou na aula de geografia musical, o bluegrass é aquele primo grosso do country que nasceu nos Apalaches, fruto de uma suruba sonora entre imigrantes irlandeses, escoceses e a rebarba do blues. É música de quem tem calo na mão e história no gogó.

Um sujeito desceu no túnel do metrô Paraíso com uma mala, um banjo e uma dúvida enorme. **"Eu cheguei no lugar onde eu pensei que ia montar minhas coisas e não conseguia tirar o banjo do case"**, lembra Wagner Creoruska. O que travava não era o instrumento, era a pergunta que todo artista já fez em silêncio: o que é que as pessoas vão pensar?



WAGNER CREORUSKA (2012)

Dizem que o brasileiro médio só reconhece um banjo se ele estiver acompanhado de um pandeiro e uma grade de cerveja morna.

Mas em 2012, na Avenida Paulista, Wagner Creoruska resolveu testar a paciência paulistana com uma proposta diferente: o bluegrass. Para quem faltou na aula de geografia musical, o bluegrass é aquele primo grosso do country que nasceu nos Apalaches, fruto de uma suruba sonora entre imigrantes irlandeses, escoceses e a rebarba do blues. É música de quem tem calo na mão e história no gogó.

Um sujeito desceu no túnel do metrô Paraíso com uma mala, um banjo e uma dúvida enorme. **"Eu cheguei no lugar onde eu pensei que ia montar minhas coisas e não conseguia tirar o banjo do case"**, lembra Wagner Creoruska. O que travava não era o instrumento, era a pergunta que todo artista já fez em silêncio: o que é que as pessoas vão pensar?



WAGNER CREORUSKA E ANTÔNIO

Entre 2013 e 2015, Wagner Creoruska tocou nas ruas com o amigo Antônio Zadura no violino.

**"A rua é um grande laboratório para ideias de show, de apresentação, para o crescimento do artista. Porque ali você tá lidando com reações muito espontâneas, muito verdadeiras"**



ANTÔNIO ZADUA, WAGNER E MARCUS ZAMBELLO NO MASP

Dali em diante, o intento ganhou corpo com a chegada de Marcus Zambello no mandolim, e o que era um experimento virou uma banda que misturava bluegrass americano com toques brasileiros, sem forçar a barra. E assim nascia o Bardo e o Banjo, o projeto, que hoje estampa a capa desta sétima edição da Dissonância, que por si só já é uma a prova de que a teimosia é a mãe da arte.

A banda, que já foi um quarteto nômade e hoje se concentra no núcleo duro formado por Wagner e o fiel escudeiro Marcus Zambello, construiu uma carreira fugindo do óbvio.



WAGNER CREORUSKA E ANTÔNIO



Enquanto o mercado fonográfico tenta adivinhar o que o algoritmo quer comer no café da manhã, eles foram para a esquina da Paulista com a Augusta passar o chapéu. E deu certo. Tão certo que o primeiro EP, *Synergy* (2013), foi financiado integralmente por moedas de transeuntes. É o crowdfunding raiz, antes de virar termo de startup da Faria Lima.

### O que é esse som?

Bluegrass. A palavra soa estrangeira, e de fato é. É um gênero que nasceu nas montanhas do sul dos Estados Unidos nos anos 1930, fruto do encontro entre imigrantes irlandeses e escoceses com a musicalidade negra do sul americano. Banjo, bandolim, violino, baixo acústico, todas essas caixas de madeira que não precisam de tomada para cantar.

Mas antes que alguém comece a falar em "colonialismo cultural", vale uma reflexão: o Brasil também tem seu bluegrass, só que a gente chama de moda de viola.

Wagner explica essa convergência sem pretensão de academia:

**"Esse tipo de som é muito comum no sul dos Estados Unidos, pois foi quando as famílias irlandesas migraram para lá e trouxeram histórias de uma terra distante no formato musical"**

Mas não se engane: apesar dos coletes e dos instrumentos que parecem saídos de um episódio do *Pica-Pau*, a alma do Bardo é brasileira até a medula. O folk e o bluegrass deles não é uma cópia carbono do Kentucky.



Ao transitar para o português no álbum **O Tempo e a Memória** (2018), a banda fincou o pé na terra roxa. Existe uma linha muito clara que liga as baladas de beira de estrada americanas às nossas modas de viola. É o foco na narrativa, no "causo", na vida. A mesma lógica que faz um violeiro de Minas contar histórias de estrada faz um tocador de banjo do Kentucky narrar suas travessias. Ambos usam a narrativa como foco de arte, ambos falam de estradas, de saudade, de voltar para casa.



Marcus Zambello, parceiro de Wagner desde os tempos de rua e único membro fixo ao lado do fundador na formação atual, completa o raciocínio com a prática de quem já viu bastante:



**"O diferencial é que, além de fazer essa junção, nós lançamos nosso segundo álbum, O Tempo e a Memória, com músicas autorais, cantadas em português. É novidade no País".** Na prática, a banda operou uma espécie de transplante cultural: pegou a estrutura do bluegrass e colocou para falar português com sotaque de quem cresceu ouvindo rock nacional.

### Quando o banjo aprendeu a falar português

No início, as músicas eram em inglês. Fazia sentido: o repertório de bluegrass tradicional está todo lá fora, e Wagner aprendeu a tocar ouvindo os mestres americanos. Mas em algum momento da trajetória, a banda percebeu que precisava ser mais honesta consigo mesma. **"Grande parte das músicas eram em inglês, aí a gente passou para ser quase tudo em português"**, conta Wagner.

**"Teve essa transição de se achar também no português, mas a gente tava curtindo fazer as músicas em português, porque esse tempo todo a banda não parou para compor, a gente tava nos shows".**

A transição não foi nada óbvia. Imagine explicar para uma plateia que sempre associou banjo com filmes de faroeste que aquela música sobre **"semente caindo de uma árvore"** é na verdade uma metáfora sobre crescimento pessoal escrita em português. Mas funcionou. Wagner conta que as composições nasciam das experiências vividas:

**"Cair e Crescer foi feita durante uma viagem que a gente tava em Paraty, saía pra tocar na rua todo dia à noite, aí a gente passava, ficava num camping de manhã no meio da natureza, no meio do mato lá, saía pra tomar um café da manhã e via aquele mato, as coisas, iam surgindo as ideias, e aí catava o banjo, compunha alguma coisa ali."**

A letra de "Alvorecer" veio de uma madrugada sem sono. **"Essa música nasceu numa madrugada, assim, não tava conseguindo dormir, levantei e falei, 'Puts, o que eu vou fazer? Vou tocar banjo'. Vou lá e comecei a compor e fui começando a pensar, os pensamentos foram lá longe e voltaram com essa letra."** É difícil não ver aí uma espiritada com a tradição dos violeiros que compunham nas madrugadas, iluminados

apenas pela luz de vela e pela necessidade de colocar a alma para fora.

A narrativa é o foco, assim como na moda de viola do interior brasileiro. O bardo conta histórias, seja sobre a Kombi Angelina que carregava a banda pelas estradas, seja sobre o sentimento de voltar para casa após meses na estrada em "Hometown". É música de tradição oral, só que com um pé no Lollapalooza e outro na calçada da Paulista.

### A liberdade como conceito (e como mala)

Quem vê a banda hoje, tocando em festivais como o Lollapalooza e aparecendo em programas de TV, pode não imaginar que tudo começou com uma decisão logística. Wagner vinha do universo da guitarra elétrica, com pedais, amplificadores e uma dependência tecnológica que qualquer roqueiro conhece bem. Mas a guitarra desplugada não tem o mesmo som, e isso o incomodava.



"Você pegar para tocar uma guitarra desplugada, você não tem a mesma sonoridade. Você tem que estar ali com algum pedalzinho ou alguma coisa para fazer a guitarra soar do jeito que você gostaria que ela soasse. O banjo, o violão, o violino são todos instrumentos acústicos, então você não depende dessas coisas, desses outros dispositivos ao redor. Você consegue simplesmente pegar o instrumento e fazer o som."

Daí nasceu a ideia da mala bumbo, aquela coisa que parece um equipamento de lavanderia mas que na verdade é um kit de percussão portátil. Wagner resume a filosofia: **"Você poder colocar a maior parte das suas coisas que você for levar dentro dessa mala, você leva o banjo e a mala, você consegue viajar o mundo fazendo música."**



### O perrengue de Chicago (ou: quando a burocracia vira música)

Nem tudo foram estradas abertas e sorrisos de senhoras no metrô. Em 2014, a banda viveu um episódio que parecia roteiro de filme ruim: foram detidos no aeroporto de Chicago e deportados dos Estados Unidos, para onde iam fazer uma turnê. Tinham visto de negócios e turismo, mas os agentes de imigração exigiam visto de trabalho. **"Nós tiramos o visto de negócios e turismo, mas eles exigiram o de trabalho. Tínhamos guardado dinheiro para a viagem com as apresentações nas ruas. Foi um baque. Havia tantos planos. Não sabíamos o que fazer. Acabamos presos no aeroporto de Chicago e retornamos um dia depois. Fomos levados para uma cela com quatro camas e um banheiro sem porta"**, lembra Maurício Pilcsuk, que era baixista da banda na época.

A frustração poderia ter terminado em resmungos de bar e nada mais. Mas a banda fez o que qualquer artista de nicho faz quando a vida dá um tombo: transformou em arte. A nona faixa do álbum Homepath fala justamente sobre a dificuldade de viver de música e de como tudo é burocrático. É o bluegrass fazendo o que sempre fez: contar histórias de gente comum enfrentando obstáculos que parecem maiores que a vida.

### O gato barbudo (e porque ele é importante)



Todo projeto que se preza tem um símbolo, e O Bardo e o Banjo tem um dos mais curiosos do cenário musical brasileiro: um gato barbudo, de chapéu característico, cabelão e barba que qualquer hippie dos anos 70 invejaria. Não foi acidente. **"Foi baseado sim na ideia de ser o gato, ser o bardo. O Wagner, no caso, eu, porque o logotipo veio depois, então eu já tinha começado a tocar"**, revela Wagner. O artista, amigo português que mora em Portugal, foi perguntando o que Wagner gostaria, e da conversa nasceu aquele gato que parece ter saído de uma versão alternativa de "Alice no País das Maravilhas" dirigida por um fã de folk rock.



O curioso é que a imagem grudou. *"A camiseta que a galera mais gosta é a camiseta do gato. Tem gente que tatuou o gato também, então, é uma coisa que não tem como desatrelar da história do Bardo e o Banjo essa imagem, essa ilustração."* Ter um símbolo que as pessoas decidiram tatuar na pele fala mais sobre conexão do que qualquer estratégia de marketing.



### O nicho que veste (e que é maior do que parece)

Viver de bluegrass no Brasil não é para quem precisa de certeza na vida. É um nicho, Wagner sabe disso. *"Música que é feita para ser vendida, para ser ouvida pelas grandes massas, entendeu? E o lance do autoral, acho que é muito importante."* Mas nicho não significa irrelevante, e a prova está na longevidade da banda, nos shows pelo Brasil todo, no Bandjo Camp Brasil que Wagner organiza para reunir tocadores de banjo que conheceram o instrumento através da banda.

Há também uma crítica velada, mas afiada, ao cenário musical atual.

**"Depois a gente vê um monte de banda aí que faz o cover, as coisas do jeito que a gente faz. Não que a gente tenha sido pioneiro, né? A gente já é reflexo de outras bandas que já faziam isso, mas, principalmente porque a gente construiu esse lance da música autoral, de escrever, de compor e de escrever e de trazer ali o sentimento pra dentro das músicas, não só apenas ser uma vitrola reproduzindo as músicas das outras pessoas."**

### E o que vem por aí?

Para 2026, a promessa é manter a essência. *"Eu acho que as pessoas, elas podem esperar que a gente, de repente, vá aparecer na esquina da rua delas, fazendo música, sem muito compromisso. A gente tem muito essa vontade de fazer isso"*, adianta Wagner. Há músicas novas engavetadas, projetos em desenvolvimento, e a mesma vontade de levar o som para quanto mais lugares melhor. A ideia continua a mesma de 2012: viajar leve e tocar onde der.

### O Bardo e o Banjo e a Escolha da Capa

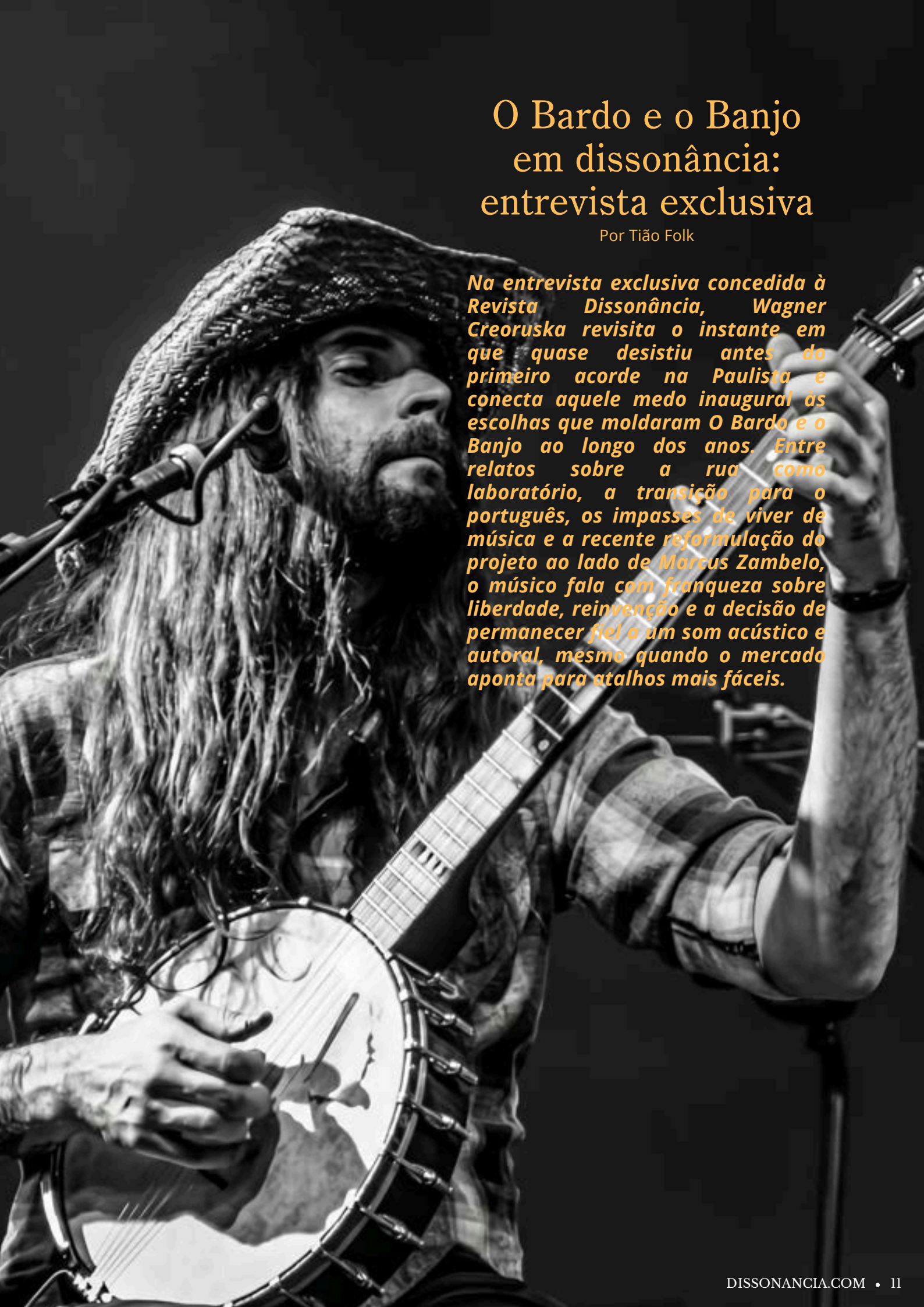
Selecionar O Bardo e o Banjo para a capa da 7ª Edição da Revista Dissonância é reconhecer que a música brasileira não precisa de fórmulas para ser relevante.

Lembre-se que o mercado atual está obcecado por viralização e algoritmos.



Como Wagner resume: *"A mensagem principal é essa da liberdade, você poder sair e fazer um som onde você quiser"*. Seja na Paulista, no Ibirapuera, ou na esquina da sua rua em 2026, o Bardo e o Banjo continua nos mostrando que, às vezes, tudo que você precisa é de um banjo, uma mala bumbo, e a coragem de não passar reto.





# O Bardo e o Banjo em dissonância: entrevista exclusiva

Por Tião Folk

*Na entrevista exclusiva concedida à Revista Dissonância, Wagner Creoruska revisita o instante em que quase desistiu antes do primeiro acorde na Paulista e conecta aquele medo inaugural às escolhas que moldaram O Bardo e o Banjo ao longo dos anos. Entre relatos sobre a rua como laboratório, a transição para o português, os impasses de viver de música e a recente reformulação do projeto ao lado de Marcus Zambelo, o músico fala com franqueza sobre liberdade, reinvenção e a decisão de permanecer fiel a um som acústico e autoral, mesmo quando o mercado aponta para atalhos mais fáceis.*

**Dissonância:** Wagner, você descreveu que no início sentiu medo e quase não conseguiu tirar o banjo do case na primeira vez que tocou na rua. O que mudou naquele momento quando a primeira senhora parou para te ouvir e sorriu?

**Wagner Creoruska:** *Então, ali naquele momento, acho que foi uma questão de aceitação, sabe? Tipo, porque o que me fez travar no momento na hora de tirar os instrumentos e tocar, era essa coisa de 'o que é que as pessoas vão pensar, sabe, de mim, da música? Será que vai ter uma aceitação?'. Então, essa primeira reação, com certeza, já refletiu bastante em tudo que veio depois. Então, ali eu pude ter um vislumbre de que meu trabalho seria bem aceito, e aquele gás de energia que você recebe, então, isso é uma injeção de energia ali para você continuar e colocar a força total naquilo que você está fazendo, que você está criando. Então, vale ressaltar também que naquele começo era tudo muito, como era simplesmente o começo, então era tudo muito cru, não existia muito uma ideia do que viria a ser O Bardo e O Banjo, ou como viria a ser. A ideia era simplesmente tocar na rua para mostrar um pouco da arte que eu tava fazendo ali tocando no meu quarto no dia a dia, entendeu? Então, foi uma experiência. Eu acho que o legal da rua é isso. A rua é um grande laboratório para ideias de show, de apresentação, para o crescimento do artista. Porque ali você tá lidando com reações muito espontâneas, muito verdadeiras.*

**Dissonância:** A banda nasceu na esquina da Avenida Paulista com a Rua Augusta. Mas hoje em dia vocês se apresentam em palcos e não mais nas ruas. De alguma forma, você sente falta desse tipo de contato com o público? E como essa dinâmica da rua, de tocar sem microfones e depender da acústica de paredes e vãos, moldou o som rústico que vocês apresentam hoje?

**Wagner Creoruska:** *Sim, a dinâmica mudou bastante. Então, quando você tá na rua, como eu disse lá na outra resposta, é um grande laboratório. E o que eu sinto mais falta assim de tocar na rua hoje em dia, inclusive a gente tem até, às vezes a gente tenta planejar algum dia alguma coisa para fazer uma apresentação na rua, é esse laboratório. Então, a gente sabe, ali na rua as coisas que dão certo, que dão errado, algumas das coisas você consegue levar pro palco e reproduzir ali, sentir que tem a mesma força. Algumas outras coisas mudam, né? O grande problema e a diferença é que no palco, de um evento, de uma casa de show, você tem toda a questão dos instrumentos e tem que tá numa regulação muito boa, tem que tá de uma forma que seja apresentada e que que condiz muito com aquela energia que a gente tinha na rua. Então, às vezes os instrumentos acústicos, eles demoram, você demora para achar um timbre legal que você consiga reproduzir isso dentro desse ambiente fechado. Então, durante muito tempo a gente lutou contra isso, contra esse lance de entender como que ia funcionar a dinâmica da banda ali, que no orgânico vai super bem, mas a hora que eletrifica tudo, acaba tendo essas mudanças, de perder um pouco de energia, os instrumentos*

*tem timbres muito diferentes do que a galera tá geralmente acostumada a trabalhar. Então, também foi uma escola pra gente fazer esses shows nos palcos. Hoje em dia, claro, a gente já tem uma boa experiência disso, já sabe como funciona, a gente tem gente que trabalha junto com a gente na equipe dos shows. Então, tem gente que já sabe como fazer o nosso som quando chega lá, mas no início era tudo muito novo, então a gente acabava dependendo às vezes de quem tava disponível no lugar que a gente ia tocar para passar o som e muitas vezes a gente chega na frente de técnico de som, da galera da produção, e, pô, ninguém, nem sabe, nunca trabalhou com banjo na vida, nunca trabalhou com mandolin, uma mala bumbo. Então, isso que muda bastante da rua para os palcos. Você conseguir sentir as diferenças e você conseguir transitar de um para o outro e saber o que funciona em um, o que funciona no outro. Então, são mundos diferentes, apesar de você conseguir levar muitas coisas de um para o outro.*

**Dissonância:** Vocês misturam o Bluegrass com elementos brasileiros e rock. "Abrasilairar" um gênero tão específico, foi uma escolha consciente ou simplesmente aconteceu? Fale também sobre a transição das letras do inglês para o português no álbum "O Tempo e a Memória"?

**Wagner Creoruska:** *Acabou sendo uma coisa mais natural essa questão de misturar as coisas com o repertório, porque como eu disse, no começo era uma pessoa sozinha tocando na rua e depois foi vindo outras pessoas e com essas pessoas vieram outros elementos, outras ideias. E o grande lance ali era tentar juntar essas ideias para fazer algo realmente novo, algo realmente diferente, que o que*

a gente fez ali no 'Tempo e a Memória'. Então, muitas decisões foram tomadas até antes da gente começar a gravar o disco. Grande parte das músicas eram em inglês, aí a gente passou para ser quase tudo em português. Acho que tem uma música em inglês, se não me engano. Então, teve essa transição de se achar também no português, mas a gente tava curtindo fazer as músicas em português, porque esse tempo todo a banda não parou para compor, a gente tava nos shows, então foi uma transição que a gente foi fazendo e testando nos próprios shows, como a gente sempre fez em relação às músicas. A gente tem a ideia da música, a gente começa a ensaiar ela, já sai para tocar no show, já testa como que é com o público. Na época a gente tocava ainda bastante na rua, então a gente tocava as músicas na rua para ver como é que funcionava com a galera na rua também. Então, a gente ia testando as músicas e escolhendo as melhores, é lógico, pra fazer parte do álbum em si.

**Dissonância: Qual mensagem você quer passar com suas composições e estilo?**

**Wagner Creoruska:** Eu acho que a grande ideia do Bardo e o Banjo, desde o início, era essa coisa de liberdade, sabe? Você não estar amarrado a estruturas para você conseguir reproduzir a música. E foi o que me fez, por exemplo, querer comprar um banjo. Porque eu vinha do universo da guitarra, pedais, amplificadores. Você pegar para tocar uma guitarra desplugada, você não tem a mesma sonoridade. Você tem que estar ali com algum pedzinho ou alguma coisa para fazer a guitarra soar do jeito que você gostaria que ela soasse. O banjo, o violão, o violino são todos instrumentos acústicos, então você não depende dessas coisas, desses outros dispositivos ao redor.

Você consegue simplesmente pegar o instrumento e fazer o som. Então, é o som na sua forma mais crua e você pode pegar o instrumento e levar, sem ter que se preocupar em ter uma caminhonete para poder levar amplificador e um monte de parafernália que você geralmente levaria. Essa também era a ideia da mala bumbo, você poder colocar a maior parte das suas coisas que você for levar dentro dessa mala, você leva o banjo e a mala, você consegue viajar o mundo fazendo música. Então, essa sempre foi o grande lance do Bardo e o Banjo. E eu acho que isso reflete um pouco nas músicas. Você tem ali várias músicas que falam sobre isso e sobre viajar também e voltar para casa. Então, com o passar do tempo, as músicas começaram a refletir também as histórias da banda mesmo. A gente tem 'Angelina', que era o nome de uma Kombi que a gente viajava. A gente tem 'Hometown', que era aquele sentimento que a gente tinha quando voltava para casa depois de uma turnê. 'Vida', aquele lance de você sentir que você está vivo ali, passando os perrengues na estrada e tudo, e você para pensar, você fala, pô, estou vivo, sabe? Não importa o que está acontecendo, eu estou aqui respirando, curtindo o momento. Então, a mensagem principal é essa da liberdade, você poder sair e fazer um som onde você quiser.

**Dissonância: Como você quer ser lembrado?**

**Wagner Creoruska:** Como os caras doido que saíam pra tocar na Paulista, no Ibirapuera, saía fazendo viagem doida e sem ter show marcado. Então acho que é o que eu falei na resposta anterior é meio que o espírito da coisa, sabe? Mas acho que também por conta dos instrumentos diferentes, de fazer uma sonoridade que não se enquadra tanto nos moldes do que a gente tem de música popular hoje em dia.

Música que é feita para ser vendida, para ser ouvida pelas grandes massas, entendeu? E o lance do autoral, acho que é muito importante. Depois a gente vê um monte de banda aí que faz o cover, as coisas do jeito que a gente faz. Não que a gente tenha sido pioneiro, né? A gente já é reflexo de outras bandas que já faziam isso, mas, principalmente porque a gente construiu esse lance da música autoral, de escrever, de compor e de escrever e de trazer ali o sentimento pra dentro das músicas, não só apenas ser uma vitrola reproduzindo as músicas das outras pessoas.

**Dissonância: Vocês mencionam que o projeto é também uma pesquisa histórica. Podem nos contar mais sobre o processo de "garimpagem" de temas tradicionais, como a lenda por trás da música 'Lost Indian'?**

**Wagner Creoruska:** O Bluegrass, a própria Country Music, ela tem muito disso. Às vezes a música, ela tem uma história que às vezes por si só é mais legal do que a própria música. Então esse lance de pesquisa histórica, é às vezes, sabe, quando você tem a vontade de tocar a música, não necessariamente, não só por curtir a música, mas pela história por trás da música? E isso tudo que faz com que você queira pesquisar mais e explorar mais esse universo, entendeu? Então, um outro bom exemplo, 'Duelo de Banjos', é uma música que, pô, é simples, é aquele duelinho e tal. Música que ficou tremendamente conhecida por fazer parte de uma cena de um filme. O filme mesmo é menos conhecido do que a música, do que a cena em si. E a música já existia antes da cena do filme.

Então, aquela cena, aquela caracterização ali e a história por trás de como foi construída, pensada aquela cena, que reflete mais até do que a própria música, do que o próprio filme em si. Então, eu acho bem legal isso, esse tipo de curiosidade sobre as músicas, que é uma coisa que a gente sempre busca trazer e sempre, tem, num show é complicado você colocar muita história também, né? Porque o show, ele tem que ser mais dinâmico, você tem que manter a galera numa energia mais lá em cima o tempo inteiro. Então, a gente acabou reduzindo um pouco esse lance das histórias. Mas ainda assim, tem uma ou outra música que vale muito a pena contar a história.

**Dissonância: Muitas de suas canções, como 'Alvorecer' e 'Cair e Crescer', trazem temas de renovação e natureza. A sensibilidade de observar "uma semente caindo de uma árvore" ainda é o que move a criação de vocês?**

**Wagner Creoruska:** Sim, ainda move bastante esse lance de contemplação. Não só da natureza, mas, às vezes, de um momento. É que os lances são experiências. Aí, por exemplo, "Cair e Crescer", ela foi feita durante uma viagem que a gente tava em Paraty, e aí tava saindo pra tocar na rua todo dia à noite, aí a gente passava, ficava num camping de manhã no meio da natureza, no meio do mato lá, saía pra tomar um café da manhã e via aquele mato, as coisas, iam surgindo as ideias, e aí catava o banjo, compunha alguma coisa ali. Então, é meio que da experiência disso. "Alvorecer" também. Essa música nasceu numa madrugada, assim, não tava conseguindo dormir, levantei e falei, "Puts, o que eu vou fazer? Vou tocar banjo". Vou lá e comecei a compor e fui

começando a pensar, os pensamentos foram lá longe e voltaram com essa letra. Então, as composições, elas nascem da experiência, das experiências que a gente vive, de algumas ideias que a gente tem, das coisas que a gente curte fazer. Eu acho que, é esse é o grande motor criativo da banda, ainda é, hoje em dia.

**Dissonância: Como o grupo se reinventou após o hiato, saindo de um quarteto fixo para um duo com formações variadas?**

**Wagner Creoruska:** O hiato ele veio meio pra gente ter tempo de pensar e descobrir uma forma nova de trabalhar; e meio que não aconteceu, porque a gente começou a ter as possibilidades de mais shows e a gente começou a trabalhar com outros músicos e foram vindo ideias, foram várias coisas que começaram a dar muito mais certo, a gente trabalhando desse jeito. Então, é aquele lance de, quanto mais as pessoas fixas, mas é mais difícil, porque você tá ali trabalhando com um monte de gente, que tem suas vidas pessoais, compromissos e, de repente outras bandas, outros projetos. Quando você trabalha com uma equipe mais aberta assim, a gente consegue. A gente teve no último ano a possibilidade de trabalhar com um monte de gente, um monte de músicos excelentes, um monte de músicos incríveis. O Bardo e o Banjo sempre teve sorte, ao longo da sua história, de sempre contar com pessoas incríveis nos instrumentos que tocavam, tanto em participação, como em disposição de trabalhar, e gente de bem, que é muito bom. Então a gente começou a se achar melhor dessa forma. E não vou dizer que a gente tá 100% adaptado a isso também, que é uma coisa muito recente. Então, a gente tá conseguindo se adaptar até para projetos futuros da

banda, como é que a gente vai fazer, lançar músicas novos, esse tipo de coisa. Então, a gente ainda tá meio que se adaptando a isso, mas a gente tá curtindo mais trabalhar desse jeito também. E tem sido incrível trabalhar com gente diferente. Sempre músicos muito capacitados e muito bons naquilo que fazem, isso é ótimo.

**Dissonância: Com o retorno ao conceito original de ser um projeto de Wagner com a colaboração próxima de Marcus Zambello, quais são os novos horizontes para O Bardo e o Banjo em termos de experimentação sonora?**

**Wagner Creoruska:** A gente está curtindo bastante, como eu disse na resposta anterior, né, esse formato novo e a gente tem conseguido testar algumas coisas diferentes também, que são muito interessantes para o futuro da banda. E, é, o que eu falei pra vocês, a gente tá até com vontade de novo de sair, tocar na rua, experimentar; e criando coisas novas também. A gente já tá aí com algumas músicas, na verdade, desde que a gente terminou "O Tempo e a Memória", já tem algumas músicas engavetadas, um monte de coisa, projetos, algumas já avançaram um pouco, outras nem tanto. Mas aí pelas circunstâncias dos últimos anos, a gente não conseguiu trabalhar nesse material, então a gente ainda precisa sentar, se organizar, testar essas ideias da melhor forma possível. Aquilo que eu falei pra vocês do laboratório, de fazer esse laboratório com essas músicas e estudar, gravar, fazer demos delas para ouvir, ter ideias melhores, a tocar elas ao vivo para saber como que é a reação das pessoas. Então, tem todo esse trabalho a ser feito, que a gente também não tem muita pressa de fazer, a gente tá indo bem tranquilamente, seguindo as

coisas conforme a gente consegue, que a gente pode. Acho que no começo a gente tinha muito aquele senso de urgência, nossa, tem que fazer agora, tem que lançar agora e tal. Eu acho que a vida foi andando e a gente acabou entrando numa, num ritmo um pouco mais devagar, mas não quer dizer que a gente não goste e não ame fazer o que a gente faz, então é uma questão de tempo pra gente trabalhar nisso tudo e construir essa base pra vir com material novo, um disco novo, músicas novas, que realmente façam muito sentido, principalmente nesse mundo de hoje em dia, que é tudo muita inteligência artificial pra lá e pra cá, então a gente quer trazer uma coisa mais rústica, quer trabalhar uma coisa mais rústica, mais orgânica mesmo.

**Dissonância: Qual é a história por trás do logotipo da banda, o gato barbudo? É verdade que ele foi inspirado na imagem do Wagner?**

**Wagner Creoruska:** Foi baseado sim na ideia de ser o gato, ser o bardo. O Wagner, no caso, eu, porque o logotipo veio depois, então eu já tinha começado a tocar. E tinha um artista amigo meu, que já trabalhou com outras, português, mora em Portugal, ele, já tinha trabalhado em alguns outros projetos, e eu sempre pedia para ele fazer as ilustrações, e eu gostava muito do trabalho dele. E aí, eu ia pedir para ele fazer o logotipo; a gente foi explorando ideias, ele me perguntou 'o que você gosta, como que você acha que tem que ser?'; e daí foi nascendo essa ideia de ser um gato barbudo, com a barba bem grande, o cabelo bem grande também, com aquele chapéu bem característico, era o chapéu que eu usava sempre, em todo lugar que eu estava, com o cabelo de lado assim.

Então, totalmente pensado, em ser, porque, como eu disse antes, o Bardo e o Banjo é um projeto solo. Então, o gato ilustrava bem, aquele lance de estar ali, o cara do projeto. Acabou ficando, porque a gente gosta muito e, pô, é sensacional. A camiseta que a gente fez, um monte de camiseta ao longo desses anos todos, né, com estampas diferentes, tudo mais, mas a camiseta que a galera mais gosta é a camiseta do gato. Tem gente que tatuou o gato também, então, é uma coisa que não tem como desatrelar da história do Bardo e o Banjo essa imagem, essa ilustração.

**Dissonância: O que os fãs podem esperar para 2026?**

**Wagner Creoruska:** Eu acho que as pessoas, elas podem esperar que a gente, de repente, vá aparecer na esquina da rua delas, fazendo música, sem muito compromisso. A gente tem muito essa vontade de fazer isso, e, para além disso, é claro que lançar material novo. A gente já tá trabalhando em algumas coisas, como eu disse. Então é questão de tempo a gente conseguir se organizar nas coisas do dia a dia aqui para trazer esse material. A gente tá gravando, mas alguns vídeos e tentando postar com mais, gerar mais conteúdo, né? Eu acho que, no passado, a gente tinha aquele lance de produzir muito, lançar muita coisa. E agora a gente tá realmente um pouco mais contido nesse lance, até porque cada um tem seus projetos paralelos. Eu sou professor de banjo. Então, a maior parte do tempo, eu tô lidando com alunos que me seguem no meu canal sobre banjo. Eu organizo um evento que chama "Bandjo Camp Brasil" também, que vai acontecer agora dia 1º e 2 de maio, onde eu junto essa galera que gosta de banjo, que, inclusive, foi uma galera que chegou em mim através do Bardo e o Banjo, de conhecer o trabalho do Bardo e o Banjo.

Então, a gente conseguiu criar essas coisas para a galera. O Marcos tem um canal dele de vídeos também, onde ele faz esse lance de contar a história da música. Então a gente tem as coisas paralelas que a gente organiza, faz. A banda acaba aí sendo mais um momento para a gente se sentar junto, tocar, trocar uma ideia, curtir, fazer um show e mais. Mas a gente tem gostado bastante de se reunir para produzir conteúdo, a gente já tem feito isso, então é uma coisa que voltou a acontecer. Então, a gente quer botar lenha na fogueira aí, pra esses projetos futuros. Tanto para esse ano quanto para os próximos anos, e lançar mais material, mais conteúdo. Acho que esse é o grande motivo. E, claro que, não pode faltar, continuar fazendo shows aí, né? Por todo o brasilão. A gente fez, a gente teve oportunidade de conhecer muitos lugares, muitos estados diferentes nos últimos anos, inclusive. Então, a gente quer ainda desbravar muito mais e levar o som para o mais longe possível que a gente puder também. É isso. Valeu, galera.

**OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA**



**[CLIQUE AQUI](#)**

# PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

## O BARDO E O BANJO

Formado em 2012, em São Paulo, O Bardo e o Banjo nasceu da iniciativa solo de Wagner Creoruska, que decidiu ocupar as ruas com um banjo nas mãos e uma mala adaptada como bumbo. A esquina da Avenida Paulista com a Rua Augusta foi o ponto de partida de um projeto que cresceu a partir do contato direto com o público e do financiamento espontâneo das apresentações de rua.

Com a chegada de Marcus Zambelo, no bandolim e nos vocais, o projeto ganhou forma de banda e consolidou uma sonoridade baseada no bluegrass, vertente da música country associada ao legado de Bill Monroe, misturada a elementos do folk, do rock e da tradição narrativa brasileira. O resultado é um trabalho autoral que dialoga tanto com as montanhas do sul dos Estados Unidos quanto com a cultura caipira nacional.

O primeiro registro em estúdio foi o álbum Homepath (2014) trazendo um leque instrumental com colheres, tin whistle e sapateado irlandês. Em 2015 a banda trouxe o single You're Alive e em seguida veio o EP Synergy (2016) . Em 2018, o grupo lançou O Tempo e a Memória, marcando a transição definitiva para letras majoritariamente em português e reforçando a identidade autoral.

Ao longo da trajetória, a banda passou por diferentes formações, circulou por festivais, programas de televisão e turnês pelo Brasil, mantendo como eixo a estética acústica e a valorização da narrativa nas composições. Após um período de reestruturação, O Bardo e o Banjo segue atualmente como núcleo criativo de Wagner Creoruska e Marcus Zambelo, trabalhando com músicos convidados e explorando novas possibilidades sonoras sem abandonar a proposta original: fazer música orgânica, portátil e centrada na canção.



**Correnteza**  
16/12/2021



**Lucky Friends**  
12/10/2021



**O Tempo e a Memória (2017)**



**Synergy**  
20/05/2016



**You're Alive**  
09/10/2015

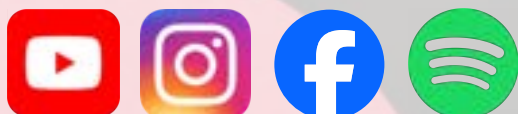


**Homepath**  
27/11/2014

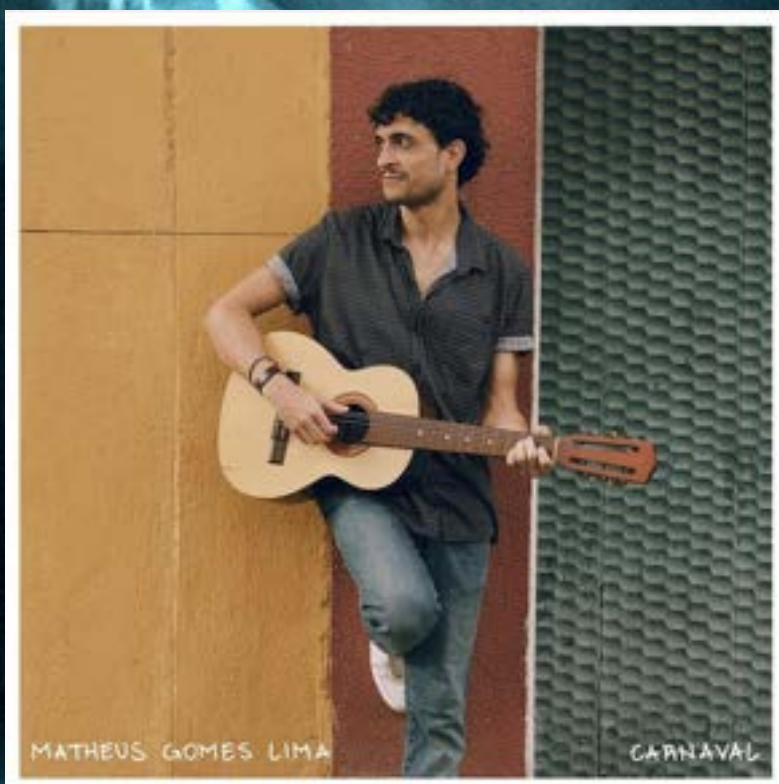
VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DA BANDA O BARDO E O BANJO NO PORTAL DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

### REDES SOCIAIS



# RAIO-X DO ÁLBUM



## CARNAVAL

A JORNADA INTROSPECTIVA DE  
MATHEUS GOMES LIMA

Por Natália Benevides

Matheus Gomes Lima não chegou ao seu primeiro álbum solo por acaso. Mestre em Cultura e Territorialidade pela UFF, coautor de estudo sobre o comportamento do turista fluminense em tempos de Covid-19, ex-vocalista e guitarrista dos Elefantes Voadores, ele transformou uma espera de meia década em um disco que soa exatamente como o título promete: uma explosão colorida, caótica e profundamente pessoal.

O título do álbum não é arbitrário. Inclusive, há uma certa coragem em nomear um álbum de estreia de Carnaval. A palavra carrega o peso de uma festa nacional, o símbolo de uma identidade coletiva, a promessa implícita de que o que vem a seguir será plural, generoso e irresistível. Por isso ele escolheu com intenção, com alegria e com plena consciência de que o gesto vai sujar o chão. Do ijexá à balada, do indie rock ao reggae, o autor joga o ouvinte na nuvem de possibilidades que é o carnaval, de onde ninguém sai o mesmo.

O disco, lançado em 25 de setembro de 2025, chega com a biografia de quem de quem foi obrigado a esperar e aproveitou o tempo. Idealizado originalmente para os Elefantes Voadores, banda de pop-rock que Matheus cofundou em 2015 e encerrou em 2023, o projeto foi interrompido pela pandemia e ficou cinco anos **"em marinada"**, palavra usada pelo próprio artista para descrever um período de decantação involuntária. O resultado desse processo lento é um álbum sem pressa. Cada canção foi cozinhada até o ponto.

## "Marataízes": O Refúgio Imaginário



A faixa mais extrovertida do álbum. Inspirada por um verão escaldante de 2018 e pelo desejo de viajar para o Espírito Santo, "Marataízes" trata a cidade capixaba como um **"lugar imaginável e perfeito"**. A canção, que começou como um **"jingle lúdico"**, evoluiu para uma reflexão sobre a distância entre a realidade e a aspiração, especialmente durante a pandemia, quando as limitações financeiras e o isolamento social tornaram o destino inalcançável. O videoclipe da faixa, com seu tom cômico e **"tosco"** proposital, é uma homenagem à estética de John Mayer em "New Light", utilizando elementos de baixo orçamento



MATHEUS E SOFIA CORRÊA

e erros técnicos deliberados para transmitir leveza e diversão.

**"Eu senti que aquilo soava como um jingle, como se a prefeitura de Marataízes estivesse fazendo um vídeo institucional"**



A música, no entanto, só foi finalizada durante a pandemia, através de um desafio criativo proposto ao amigo Vinícius Menezes. A cada semana, os dois músicos deveriam apresentar uma nova composição, fosse ela criada do zero ou finalizada a partir de rascunhos antigos. Foi assim que "Marataízes" encontrou sua forma definitiva, revelando ao compositor um significado mais profundo do que ele inicialmente imaginara.

## Quando Eu Envelhecer: Uma Carta de Amor à Vida



A canção é o contraponto emocional mais forte. A faixa nasceu de conselhos que Matheus dava à avó de 88 anos (hoje com 97) que perdeu a independência e foi morar com a família após uma queda.

### “Vou comprar um aparelho de audição E desligar pra não ouvir ninguém chato”

Este verso que poderia ser piada fácil. Não é. É carta de amor à vida e, depois que Sofia entrou na história, carta de amor a dois. A letra mistura humor (“*Acabou de vazar na tua almofada*”), irreverência política (“*Quando alguém vier falar bem / De intervenção militar ou Bolsonaro*”) e ternura (“*Eu, você e a hidroginástica / Esse será o dia*”).



Matheus não romantiza a velhice; ele tenta desmistificá-la com afeto. Para mim, após ouvir o disco inteiro, essa é a faixa que melhor revela o artista: alguém que transforma observação cotidiana em resistência leve.

### “Quando eu envelhecer Seremos só eu e você E se os vizinhos ouvirem, Nós diremos que foi a TV”

Essa convivência íntima, a conspiração doméstica entre dois velhos que se amam e fingem que o barulho vem da televisão, é de uma ternura que chega a der. Matheus não teorizou sobre o amor: ele o colocou em cena, com os seus móveis e seus costumes e seus aparelhos domésticos. E quando chega ao verso mais sério da canção — “*se um dia acontecer / acontecer antes de você / não deixe de viver a vida*” — o chão que foi pavimentado com humor suporta o peso emocional daquilo que vem a seguir. Essa é uma composição de alto nível. Ah! esses ciscos que vivem caindo nos meus olhos!

### Encruzilhada, Licor e Dente-de-Leão: O Subconsciente Fala

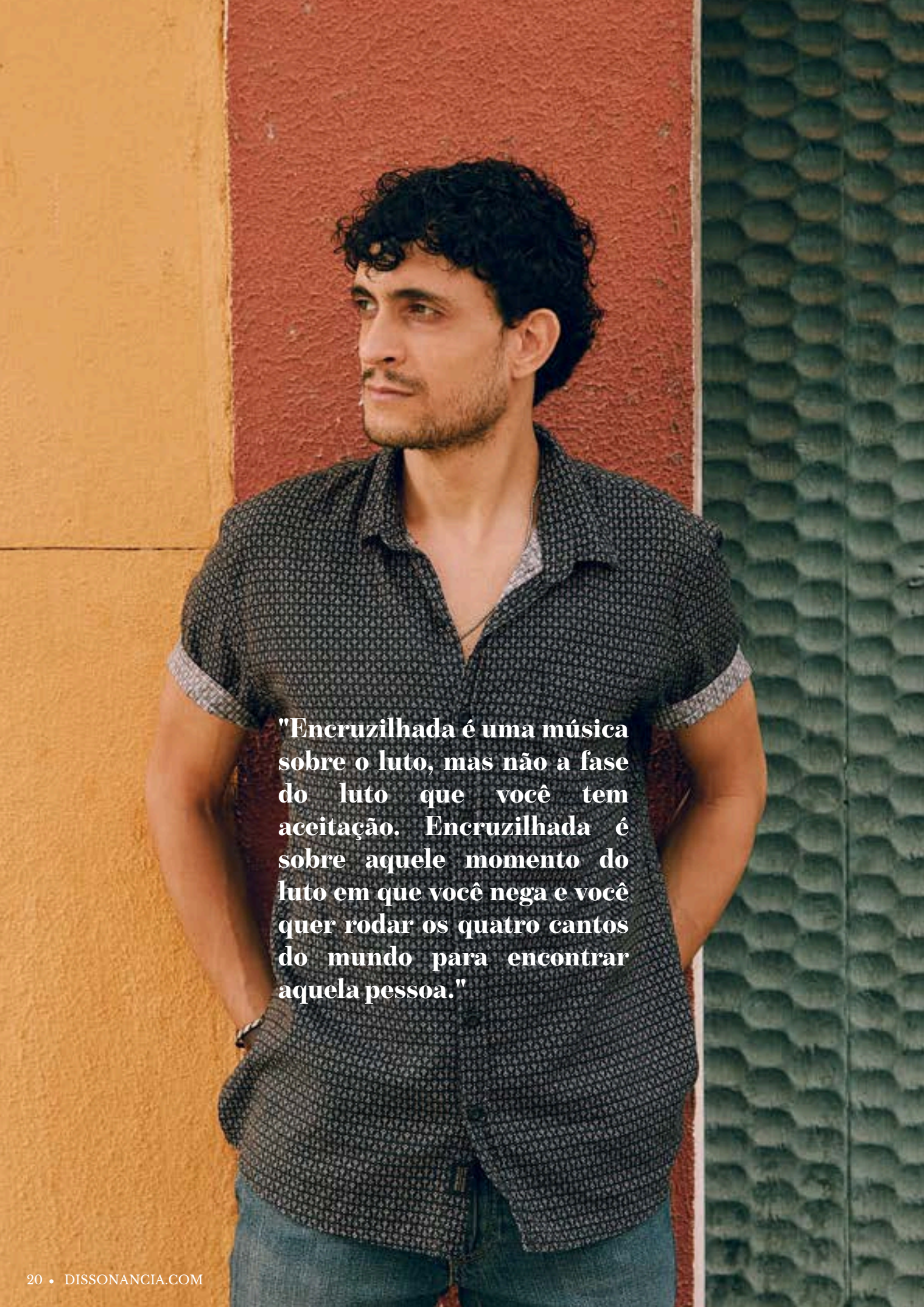


Das canções do álbum, talvez nenhuma tenha uma história de criação mais misteriosa e reveladora do que “Encruzilhada, Licor e Dente-de-Leão”. A música começou de forma despretensiosa: Matheus experimentava uma sequência de acordes no violão, Mi para Fá sustenido menor para Lá, e ia escrevendo rimas aleatórias que lhe vinham à mente. “*Chamei um tal Joque, mas ele só fazia moedas e truques de baralho / Até que busquei sete esferas do dragão, mas ninguém me disse que elas não existem*”, eram alguns dos versos iniciais, que o próprio artista considera hoje “*muito ruins*” e que lhe causam “*vergonha de ler*”.

O que importa, no entanto, é que a melodia insistia em permanecer na cabeça do compositor.

### “Eu comecei a dar um pouco mais de atenção para ela porque eu senti que ela tava pedindo passagem”

Aos poucos, foi se revelando uma canção sobre “*a eterna busca da parte faltante, seja ela o que for*”, uma definição que só faria sentido completo após uma experiência tocante durante a pandemia. Ao sair de um grupo de fãs do desenho “*Hora de Aventura*” no Facebook, Matheus passou o mouse sobre o perfil de uma usuária e viu surgir um balão com a inscrição “*em memória de*”. Aquela jovem, que ele imaginava ter aproximadamente sua idade, havia morrido.



**"Encruzilhada é uma música sobre o luto, mas não a fase do luto que você tem aceitação. Encruzilhada é sobre aquele momento do luto em que você nega e você quer rodar os quatro cantos do mundo para encontrar aquela pessoa."**

O desolamento provocado por essa descoberta anônima encontrou refúgio na canção. "*A única coisa que me deu na cabeça foi pegar o violão e começar a tocar 'Encruzilhada' para mim, para me acalmar*", conta o artista. Foi então que compreendeu a verdadeira dimensão da obra que havia criado:



**"Encruzilhada é uma música sobre o luto, mas não a fase do luto que você tem aceitação. Encruzilhada é sobre aquele momento do luto em que você nega e você quer rodar os quatro cantos do mundo para encontrar aquela pessoa."**

A experiência ensinou-lhe algo sobre o processo criativo: "*Eu fico muito surpreso sobre como o nosso subconsciente, o nosso inconsciente agem e nos dão significados que nem nós mesmos temos momento que nós escrevemos.*"

## Será Que Vai Chover?: O Diálogo com os Paralamas



A única faixa do álbum que nasceu de uma curiosidade inteiramente bibliográfica. Matheus descobriu que o álbum ao vivo "D", dos Paralamas do Sucesso, gravado no Festival de Jamonte, abre com uma música chamada "Será Que Vai Chover?", que nunca apareceu em nenhum álbum de estúdio. Sem poder ouvi-la (a faixa ainda não estava nas plataformas), ele mandou para si mesmo o comando de imaginar como seria essa música. O resultado foi uma composição própria. Quando finalmente ouviu o original, ficou aliviado: as duas não tinham nada a ver uma com a outra.

**"Acho que eu mandei esse comando pro meu cérebro porque de repente eu me percebi criando uma música com o título 'Será que vai chover?'"**

Para sua versão, Matheus se inspirou nas canções mais sensíveis do grupo, como "Tendo a Lua" e "Nossa Casa", que demonstram o que ele identifica como a capacidade de

Herbert Vianna de "*fazer você machucar dizendo umas coisas super sinceras*".



É uma homenagem disfarçada de canção autoral, um diálogo intertextual entre um fã e uma das bandas mais importantes do rock brasileiro.

## Pobre em Teresópolis: o hit recontextualizado

Uma das decisões mais reveladoras de Carnaval é a inclusão de Pobre em Teresópolis, hit indie que havia sido gravado com os Elefantes Voadores, numa nova versão carnavalesca, com pandeiros, naipe de sopro, coro e palmas. O gesto diz muito sobre a proposta do disco. Matheus não está apenas lançando músicas novas: está propondo um modo diferente de ouvir aquilo que já existia. A recontextualização como ferramenta criativa, a paleta nova sobre a tela antiga.

A produção compartilhada com Vini Pitanga, músico associado a nomes como Sávio e Drápula, foi fundamental para isso. Pitanga assina bateria, percussão, guitarras, baixo, backing vocal, mixagem e masterização. A parceria deu ao álbum uma unidade sonora que poderia ter se perdido diante de tanta diversidade de gêneros. O resultado é um disco que muda de roupa a cada faixa, entretanto, mantém o mesmo timbre de voz, a mesma presença, o mesmo olhar sobre o mundo.



### Matheus e São Gonçalo

Há uma última dimensão de Carnaval que merece atenção: sua geografia afetiva. O disco soa carioca, fluminense, do Grande Rio, mas de uma perspectiva que não é a do Centro ou de Ipanema. São Gonçalo, cidade de dois lados de baía e história, raramente aparece na narrativa cultural do eixo Rio-Niterói. Matheus não reivindica isso de forma panfletária, mas sua música carrega esse endereço. Os ventiladores que não funcionam, as janelas de prédio, o concreto que sufoca, são

imagens de uma experiência urbana específica, periférica em relação ao centro simbólico da cidade, mas absolutamente central em termos de vivência humana.

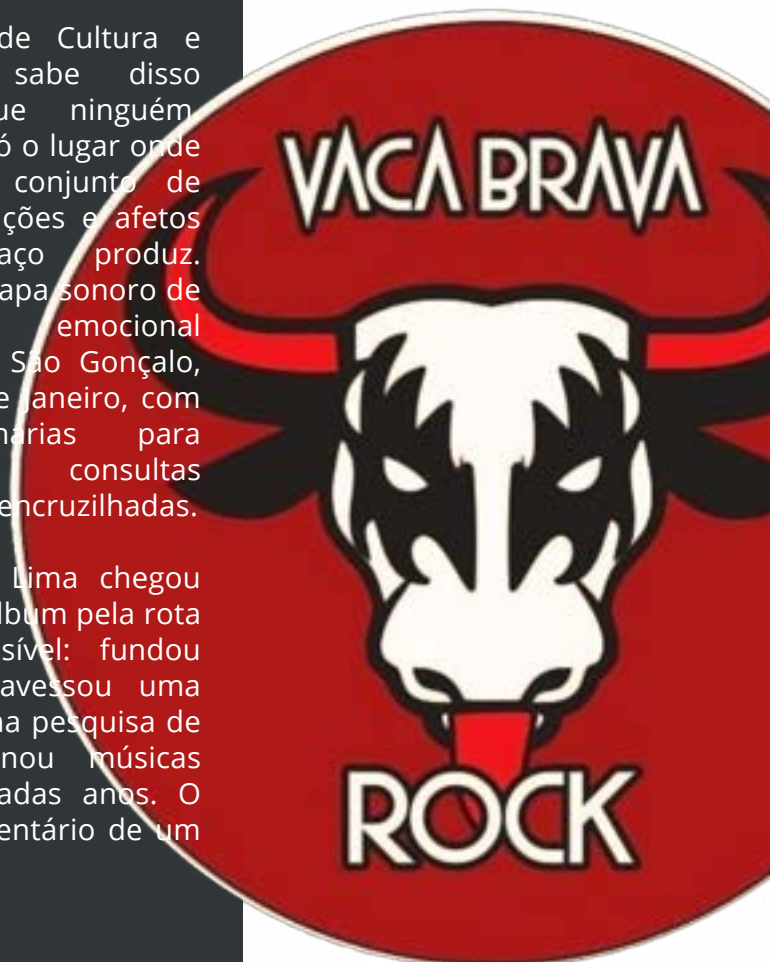


O pesquisador de Cultura e Territorialidade sabe disso melhor do que ninguém. Território não é só o lugar onde se mora: é o conjunto de experiências, relações e afetos que um espaço produz. Carnaval traz o mapa sonoro de um território emocional construído entre São Gonçalo, Niterói e o Rio de Janeiro, com viagens imaginárias para Marataízes e consultas subconscientes a encruzilhadas.

Matheus Gomes Lima chegou ao seu primeiro álbum pela rota mais longa possível: fundou uma banda, atravessou uma pandemia, fez uma pesquisa de mestrado, terminou músicas que ficaram paradas anos. O resultado é o inventário de um artista pronto.

# RÁDIO WEB VAI ALÉM DO ALGO RÍTMICO

RÁDIO  
VACA BRAVA ROCK  
TÃO GRANDE QUE NEM  
CABE NO ANÚNCIO



# PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

## MATHEUS GOMES LIMA

Matheus Gomes Lima é a intersecção entre o rigor acadêmico e a vibração do pop-rock fluminense. Natural de São Gonçalo (RJ), o músico e Mestre em Cultura (UFF) consolidou sua base como líder da banda Elefantes Voadores antes de lançar, em 2025, seu debut solo: "Carnaval".

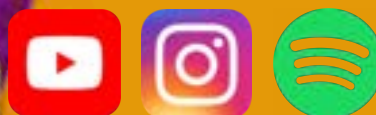
Sua obra é um mosaico de gêneros, do ijexá à psicodelia, que traduz as nuances da vida urbana e do amadurecimento. Com influências que vão de Paralamas do Sucesso a John Mayer, Matheus compõe com sensibilidade, equilíbrio e bom humor cotidiano (como na solar "Marataízes") e a densidade emocional (evidenciada no luto de "Encruzilhada, Licor e Dente-de-leão").

Artista total, ele assina da produção musical à direção de seus videocliques, garantindo unidade estética. Em "Carnaval", Matheus não apenas fez música; ele cartografou afetos, perdas e esperanças, reafirmando-se como uma das vozes mais autênticas e multifacetadas da nova cena brasileira.

VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DO CANTOR MATHEUS GOMES LIMA NA DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

REDES SOCIAIS



**Carnaval**  
25/09/2025



**Marataízes**  
28/08/2025



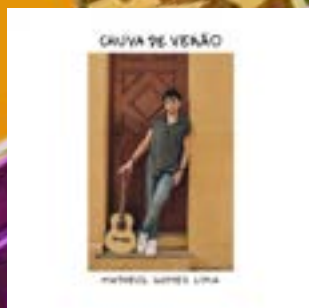
**Será Que Vai Chover?**  
23/07/2025



**Encruzilhada, Licor e Dente de Leão**  
03/07/2025



**Quando Eu Envelhecer**  
13/06/2025



**Chuva De Verão**  
23/05/2025

# Até o Final da Estrada

Um poema de Val Porto

Uma estrada longa,  
onde muitos se perderam  
entre buracos, pedras e cascalho.  
Ainda assim, foi o caminho que escolhi,  
por mais difícil que pareça.

Sei que minha escolha cobra a cada passo.  
Decidi buscar aquela meta esquecida  
e viver o que nunca me permiti.  
Trago na bagagem velhos desafios,  
alguns que achei que não venceria.

Sobre a terra e o pó,  
levo comigo a vontade de recomeçar.  
No desconhecido, planto sonhos  
e sonhos não morrem, apenas esperam.  
Basta coragem para despertá-los.

Sigo porque aprendi a resistir,  
porque desistir nunca me coube.  
Quero ir até o fim dessa estrada,  
semeando algo além de mim.

É fácil ceder diante do peso,  
é fácil deixar a força escapar.  
Mas não é isso que me sustenta:  
é saber que chego diferente  
de quem começou a caminhar.



# O olhar que a IA não tem: Juliana Fáro, a fotógrafa que trocou a zona de conforto pela lente, e nunca mais parou

Por Marcos Paulo





A arte independente não se limita à música, ao teatro ou ao cinema. Ela também caminha em áreas onde, muitas vezes, o público não percebe de imediato a presença de uma linguagem autoral. É nesse território que a Revista Dissonância cumpre seu compromisso de buscar artistas "fora da curva". Aquele que não apenas executa uma técnica, mas que transborda uma estética própria em cada setor que toca, seja na música, no teatro, no cinema ou, como no caso de Juliana Fáro, na fotografia.

E foi com essa visão de mundo que encontramos a fotógrafa independente Juliana Fáro, uma profissional que decidiu mergulhar de cabeça na profissão e transformar o cotidiano em narrativa visual que desafia o óbvio.

Amante confessa de gatos, fã de música, que toca praticamente em loop em sua rotina, leitora assídua da Dissonância e seguidora atenta dos artistas que a revista apresenta, Juliana tem algo raro num mercado cada vez mais técnico e automatizado: ela transforma o ato de fotografar numa experiência humana, e é justamente isso que nenhum algoritmo vai conseguir replicar.

## Quando a Paixão Encontra a Câmera

A arte independente não se limita à música, ao teatro ou ao cinema. Ela também caminha em áreas onde, muitas vezes, o público não percebe de imediato a presença de uma linguagem autoral. É nesse território que a Revista Dissonância cumpre seu compromisso de buscar artistas "fora da curva". Aquele que não apenas executa uma técnica, mas que transborda uma estética própria em cada setor que toca, seja na música, no teatro, no cinema ou, como no caso de Juliana Fáro, na fotografia.

E foi com essa visão de mundo que encontramos a fotógrafa independente Juliana Fáro, uma profissional que decidiu mergulhar de cabeça na profissão e transformar o cotidiano em narrativa visual que desafia o óbvio.

Amante confessa de gatos, fã de música, que toca praticamente em loop em sua rotina, leitora assídua da Dissonância e seguidora atenta dos artistas que a revista apresenta, Juliana tem algo raro num mercado cada vez mais técnico e automatizado: ela transforma o ato de fotografar numa experiência humana, e é justamente isso que nenhum algoritmo vai conseguir replicar.



**“Me sinto tomada pelo vislumbre do começo, do despertar da paixão pela arte da fotografia. No estúdio, o fundo cinza claro me remete à tela em branco, telas essas em que tenho podido ser livre pra criar.”**

Essa liberdade criativa, cultivada desde os primeiros dias, é o fio condutor de toda a sua produção. Juliana não chegou na fotografia para preencher um portfólio, ela entrou aqui porque seu instinto exigiu e isso se traduz diretamente na qualidade dos registros que entrega a cada cliente.

**A experiência que nenhuma IA vai roubar**

Em um mundo onde ferramentas de inteligência artificial já conseguem gerar imagens de alta resolução com um simples comando de texto, a questão que paira sobre qualquer fotógrafo profissional é inevitável: o que você tem que uma máquina não tem? Juliana Faro responde sem hesitar, e com uma clareza que poucos conseguem articular com tanta precisão.

**“A IA jamais vai ter como dar para o cliente experiência. Jamais, jamais. Isso em hipótese alguma. O cliente que vivencia o ensaio fotográfico, aquilo ali é algo que modifica ele. Assim como todos os dias a gente se modifica um pouco ao viver coisas. Quando a gente vive o novo, isso também muda a gente.”**

O argumento vai além da técnica. Para ela, cada ensaio é uma sessão transformadora, um encontro humano que deixa marca. E os relatos dos clientes confirmam essa visão:

**“Muitas vezes eu já ouvi: ‘Eras, nossa, eu não estava me sentindo bem até esse momento, quando tu me mostraste a foto, tudo melhorou. Eu comecei a me sentir mais importante, comecei a me sentir melhor, me sinto mais bonita’. Então, o fator um é a experiência.”**



Esse é o diferencial que Juliana defende com convicção: não a técnica em si, que, ela admite, a IA domina com facilidade, mas a vivência que acontece antes, durante e depois do clique. Segundo ela, muitos clientes chegam inseguros ou com autoestima baixa e saem transformados. **“Quando tu mostras a foto, a pessoa começa a se sentir melhor, mais bonita, mais importante.”**

## A Luz Como Linguagem

Pergunte a Juliana qual é o maior desafio de quem estreia na fotografia, e a resposta virá de um lugar que poucos iniciantes pensam logo de cara: a percepção da luz.

**“Acredito que seja o desafio da percepção da luz no mundo. Quando a gente percebe a luz no mundo, em qualquer coisa, sabe? Em qualquer coisa mesmo. Como essa luz tá encontrando o assunto, o objeto — e quando você tem essa sensibilidade de olhar a luz, você vai para outra sensibilidade, que é a de observar mesmo o mundo, como ele se comporta, como as pessoas se comportam no mundo. E só nisso já tem muitas, muitas possibilidades de fotografia.”**

É essa filosofia que guia cada trabalho seu, seja numa sessão de estúdio, numa cobertura de evento ou num ensaio ao ar livre às margens de algum igarapé paraense. A câmera, para Juliana, é instrumento de observação antes de ser instrumento de registro.



É essa filosofia que guia cada trabalho seu, seja numa sessão de estúdio, numa cobertura de evento ou num ensaio ao ar livre às margens de algum igarapé paraense. A câmera, para Juliana, é instrumento de observação antes de ser instrumento de registro.

### A Foto Mais Difícil - e a Mais Amada

**"Essa foto, eles queriam muito que eu reproduzisse com eles, e aí eles trouxeram, né? Eu olhei para a foto, eu olhei como que a luz estava se comportando, e aí prontamente eu peguei a tocha e fui**



**apontando ela. Coloquei ela bem alta, de cima para baixo, iluminei eles, afastei eles do fundo, e eu comecei a ter o resultado que eu queria."**

Essa atenção aos detalhes é o que diferencia um verdadeiro artista de um mero apertador de botão. *"Hoje tenho um olhar muito mais sensível para a luz do que a Juliana que começou na fotografia"*, conta.

### Ritual, Checklist e a Arte de Estar Presente

Quem acha que fotógrafo de evento chega no local com a câmera no pescoço e pronto está redondamente enganado, pelo menos se esse fotógrafo for Juliana Fáro. Ela tem rituais. Muitos.

**"Para quase tudo, para quase tudo. Mas quando eu vou fazer um evento, primeira coisa: carregar tudo o que eu preciso carregar, especialmente pilhas recarregáveis, elas precisam de pelo menos 10 horas de carregamento. Então, dois dias antes de cada evento que eu faço, eu já vou carregando todo o meu equipamento, vendo se os meus cartões de memória estão livres."**

Antes de qualquer evento, Juliana segue um ritual preciso: carrega pilhas por 10 horas dois dias antes, verifica cartões de memória e faz checklist rigoroso: câmera, bateria, cartão de memória, flash, pilha para flash, difusor do flash, lentes (abertas ou fechadas, dependendo da proposta), baterias extras. Só então ela parte tranquila para o trabalho.



Em eventos como o Círio de Nazaré ou shows de rock, onde a luz escapa ao controle, o segredo é estar 100% atento:

Mas o que garante tantas fotos boas, afinal? Para Juliana, a resposta está na atenção e numa compreensão profunda da natureza do evento como algo que nunca pode ser completamente controlado:



**"Evento é um tipo de trabalho que você não tem controle sobre a luz, você não tem controle sobre o que vai acontecer. Surpresas podem acontecer. A fotografia é sobre registrar coisas únicas, momentos únicos. Você pode até refazer, mas não vai ficar com aquele entusiasmo de quando você foi surpreendido. Então, estar atento, principalmente em eventos."**

Essa atenção obsessiva aos detalhes rendeu frutos. Juliana já fotografou casamentos, noivados, gestantes, mulheres empreendedoras, o Círio de

Nazaré em Belém, bandas de rock, artistas solo, cabeleireiras, estilistas, cantores e gaitistas. Seu portfólio é um mapa afetivo da sociedade paraense e brasileira.

### **Mulher com Câmera: O Mercado e os Dados que Não Mentem**

A trajetória de Juliana Fáro existe dentro de um contexto maior e mais desafiador. A fotografia, como tantas outras áreas criativas, ainda carrega os traços de uma história construída majoritariamente por e para homens.

De acordo com relatórios da organização World Press Photo, menos de 20% dos profissionais atuantes na área fotográfica no mundo são mulheres. No Brasil, os números reforçam esse quadro: um levantamento do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal (SJPDF) revelou que, dos 41

repórteres fotográficos sindicalizados regulares na entidade, nenhum era do sexo feminino. E uma análise de capas do jornal Folha de S.Paulo realizada pela iniciativa YVY — Mulheres da Imagem constatou que, das 53 fotos publicadas em 32 edições analisadas, apenas três foram feitas por fotógrafas.

O Sebrae aponta que o mercado fotográfico brasileiro conta com mais de 86 mil empresas ativas, espalhadas por 5.063 municípios, com pequenos empreendedores representando 98,85% do setor. Nesse universo vasto e competitivo, a mulher precisa provar o dobro para ser vista.

Juliana Fáro navega nessa realidade sem se esquivar dela. Seu sorriso, que desarma os clientes, também desmente qualquer tentativa de diminuí-la. E sua câmera, capaz de capturar tanto a fé do Círio quanto o riff de uma banda de rock, responde por ela melhor do que qualquer argumento.





## De Belém a São Paulo: O Crowdfunding que Virou Conquista

Em dezembro de 2024, Juliana recebeu um convite inesperado: fotografar a 99ª Corrida de São Silvestre, em São Paulo, no dia 31 de dezembro. O problema é que o convite chegou sem o orçamento necessário para a viagem. A solução foi a que artistas independentes encontram quando o mercado ainda não chegou até eles: pedir ajuda à comunidade.

Ela abriu uma vaquinha online e, com uma transparência que não é de todos, explicou a situação publicamente: **'Olá pessoaaaaaal, com muita alegria venho anunciar que fui convidada para capturar momentos únicos na 99ª Corrida de São Silvestre em São Paulo no dia 31/12! Infelizmente, o convite chegou inesperadamente e não tenho recursos financeiros para cobrir as despesas de viagem. Estou pedindo ajuda para comprar passagens. A estadia está garantida graças a familiares. Qualquer contribuição será fundamental para realizar esse sonho e avançar na minha carreira. Vamos juntos fazer parte da realização desse sonho.'**



A resposta dos fãs e clientes não tardou. Dias depois, ela anunciou a conquista com a euforia de quem sabe exatamente o tamanho do que está vivendo: **'Corrida de São Silvestre 2024 — EU VOU ESTAR LAAAAAAÁ! É real, tá acontecendo!!!! Obrigada a cada um que fez isso se tornar possível! Vai ser fera.'**

Esse episódio diz muito sobre quem é Juliana Faro. Ela não esperou as circunstâncias perfeitas. Ela criou as condições que precisava e levou sua câmera até lá.





## Para Quem Está Começando: a Mensagem de Juliana

Quando a Dissonância perguntou que mensagem ela deixaria para os artistas independentes, Juliana não falou de câmeras, de softwares de edição nem de estratégias de marketing. Ela falou de invenção.

**"Sempre invente alguma coisa, sempre invente alguma coisa. Eu lembro que eu ainda não havia feito nenhum ensaio de gestante na praia. E eu tinha uma amiga que ela estava gestante. E eu falei: 'Amiga, vamos pra praia?' Aí a gente começou a imaginar algumas fotografias que a gente poderia tirar. E eu levei ela pra praia e agora eu tenho um portfólio na praia de gestantes que eu não tinha antes. E as fotos estão lindas, porque as coisas fluíram. Então, sempre invente alguma coisa. Se você não tem algo hoje concreto, inventa, inventa com alguém que tu podes contar, inventa exatamente aquilo que tu queres fazer. E aí depois vai acontecer naturalmente. E quando chegar até você essa demanda oficial, esse trabalho oficial, tu vais estar prontíssimo — ou prontíssima."**

Nessa última palavra, prontíssima, no feminino, está todo o manifesto de Juliana Fáro. Uma fotógrafa que desafia o mundo e ocupa seu espaço nele. Que ri, que inventa, que carrega o equipamento dois dias antes, que faz vaquinha quando precisa, que aprende a luz do mundo e a usa para fazer as pessoas se sentirem mais bonitas, mais importantes, mais vivas.

A Dissonância continuará de olho nela. Afinal, é exatamente para isso que existimos.

## A Mostra — Uma Lente sobre Cada Universo

A amplitude do trabalho de Juliana Fáro é um dos seus maiores trunfos. Em poucos anos de carreira profissional, ela já se embrenhou por universos radicalmente diferentes, construindo um portfólio, ao mesmo tempo, coeso na estética e diverso nas histórias. Apresentamos a seguir alguns desses registros, que ilustram a versatilidade de seu olhar.

- Beleza & Empreendedoras



Juliana entende que a imagem de uma profissional é, em si, um ativo de negócios. Em sua sessão com uma Hair & Beauty Stylist, a mensagem é direta:

**"A força que sua imagem carrega pode alcançar muito mais o seu público do que palavras. Investir em imagens de boa qualidade é o primeiro passo na construção de uma boa marca pessoal."**

Essa mesma visão guia as sessões que faz com cabeleireiras, estilistas e empreendedoras — mulheres que precisam de imagens que traduzam autoridade e identidade.

- Círio de Nazaré

A maior festividade católica da Amazônia já passou pelas lentes da Juliana, fotos que capturaram a sensibilidade do momento e ao mesmo tempo a força que a fé pode ter sobre as pessoas. Um momento único capturado por quem sabe se fazer única.



### • O Surgimento da Vida

As sessões de gestantes, como a do casal à espera de Eros, são uma especialidade à parte, capturadas tanto em estúdio quanto em ambientes naturais, como a praia. ***"Eu levei ela pra praia e agora eu tenho um portfólio na praia de gestantes que eu não tinha antes"***, conta ela, sem deixar de sorrir.



### • Mulheres empreendedoras

O olhar da fotógrafa também se debruça sobre o trabalho desbravador de outras mulheres. Aquelas que fazem de suas jornadas um incentivo real para tantas outras. Através de sua lente, ela capta a alma empreendedora de guerreiras que, com ela mesma, fazem do mundo seu palco.



- **Artistas independentes da música**

É claro que nossa heroína capturou artistas independentes. Registrou guitarristas, vocalistas e bastidores da arte e música belenense.



# Juliana Fáro em dissonância: entrevista exclusiva

Por Marcos Paulo

*Na busca constante por artistas que constroem caminhos próprios, a Revista Dissonância apresenta a fotógrafa independente Juliana Fáro, uma profissional que transformou sensibilidade em linguagem e desafio em movimento. Nesta entrevista exclusiva, ela reflete sobre os impactos das novas tecnologias na fotografia, a importância da experiência humana no processo criativo e os aprendizados de quem decidiu se lançar por inteiro na arte.*

*Ela fala de técnica, intuição e insistência e revela um olhar atento ao mundo, reafirmando a força de quem escolhe viver da própria expressão.*



**Dissonância:** No cenário atual em que as IAs estão gerando imagens de alta qualidade, o que um fotógrafo deve ter para se diferenciar e se manter no mercado?

**Juliana Fáro:** Bom, no cenário atual, onde as IAs, ou seja, as inteligências artificiais, estão cada vez mais bem desenvolvidas, o que vai diferir ela de um fotógrafo, ou seja, os resultados que essa IA pode ter de um fotógrafo: Um, ela jamais vai ter como dar para o cliente experiência. Jamais, jamais. Isso em hipótese alguma. Então, o cliente que vivencia o ensaio fotográfico, aquilo ali é algo que modifica ele. Assim como todos os dias a gente se modifica um pouco ao viver coisas. Quando a gente vive o novo, isso também muda a gente. E cada vez que eu faço um ensaio fotográfico, cada cliente meu sempre fala que aquilo ali melhorou muito a autoestima dele, que naquele dia não estava legal. Claro que não são todas as vezes que a pessoa fala que naquele dia não estava legal, mas muitas vezes eu já ouvi. "Eras, nossa, eu não estava me sentindo bem até esse momento, quando tu me mostraste a foto, tudo melhorou. Eu comecei a me sentir mais importante, comecei a me sentir melhor, me sinto mais bonita". Então, o fator um é a experiência. E o dois é técnica, né? Mas como ela é uma IA, ela consegue tranquilamente matar a técnica de letra.

**Dissonância:** Dentre as muitas formas de arte, a fotografia é uma das mais complexas, porque envolve talento e equipamentos de alto valor. Em quais desafios alguém que desbrava o mundo da fotografia deve focar em superar para se tornar um profissional de excelência?

**Juliana Fáro:** Sobre quais desafios alguém que desbrava o mundo da fotografia deve focar em se superar para se tornar um profissional de excelência? Eu acredito que seja o desafio da percepção da luz no mundo. Quando a gente percebe a luz no mundo, em qualquer coisa, sabe? Em qualquer coisa mesmo. Como essa luz tá encontrando o assunto, o objeto, e quando você tem essa sensibilidade de olhar a luz, você vai para outra sensibilidade, que é a de observar mesmo o mundo, como ele se comporta, como as pessoas se comportam no mundo, sabe? E só nisso já tem muitas, muitas possibilidades de fotografia.

**Dissonância:** Qual fotografia mais difícil você já tirou?

**Juliana Fáro:** A fotografia mais difícil que eu já tirei até hoje, acredito que foi uma de gestante que eu fiz em estúdio. Essa foto, eles queriam muito que eu reproduzisse com eles, e aí eles trouxeram, né? Eu olhei para a foto, eu olhei como que a luz estava se comportando, e aí prontamente eu peguei a tocha e fui apontando ela. Coloquei ela bem alta, de cima para baixo, iluminei eles, afastei eles do fundo, e eu comecei a ter o resultado que eu queria. Depois eu fui para as configurações de câmera e acabou que cheguei no resultado que eu gostaria, e fiquei assim, extremamente feliz de conseguir reproduzir com eles, porque hoje eu tenho um olhar mais sensível para luz no mundo, para luz nas coisas, do que a Juliana de quando começou na fotografia. Então, essa é a foto, eu acho ela muito linda, ela tem meu coração.

**Dissonância:** Quando você sai para a cobertura de um evento fotografia de estúdio, existe algum ritual preparativo? Qual o segredo de tantas fotos boas?

**Juliana Fáro:** Bom, se eu tenho ritual? Tenho rituais, vários. Para quase tudo, para quase tudo. Mas quando eu vou fazer um evento, primeira coisa, carregar tudo o que eu preciso carregar, especialmente pilhas recarregáveis, elas precisam de pelo menos 10 horas de carregamento. Então, dois dias antes de cada evento que eu faço, eu já vou carregando todo o meu equipamento, vendo se os meus cartões de memória estão livres. E quando chega no dia, propriamente, do evento, faço um checklist antes de sair de casa: câmera, bateria, cartão de memória, flash, pilha para flash, difusor do flash, lente – se eu quero uma para muito mais perto, se eu quero a mais aberta, se quero a mais fechada –, baterias extras, e aí assim, eu fico tranquila para ir fazer o meu evento. E sobre a pergunta adicional, qual o segredo para tantas fotos boas? É estar atento a tudo, especialmente em evento. Evento é um tipo de trabalho que você não tem controle sobre a luz, você não tem controle sobre o que vai acontecer. Mesmo que você saiba o script de tudo que está ali, programado, pensado para acontecer, um evento é algo que foge do controle. Surpresas podem acontecer. Então, estar atento, sabe? Porque a fotografia, ela é sobre registrar, registrar coisas únicas, momentos únicos. Você pode até refazer, mas não vai ficar com aquele entusiasmo de quando você foi surpreendido, por exemplo. Então, estar atento, principalmente em eventos. É isso.

**Dissonância:** Na sua visão, o que é mais importante, equipamento fotográfico de ponta ou pós edição?

**Juliana Fáro:** Na minha visão, o que é melhor, é um equipamento de ponta, mas levando em consideração que eu sei mexer nesse equipamento de ponta, por quê? Para extrair o melhor que esse equipamento pode me oferecer, pura e simplesmente, por isso. Mas, se eu tenho um equipamento mediano ou de menor porte, sei lá, um equipamento de entrada, algo assim, eu vou, ainda assim, tentar extrair o que de melhor aquela câmera pode me oferecer, configurando manualmente e depois eu vou pra pós, sabe? Porque assim, tem coisas que, se por exemplo, digamos, vamos supor que você está com uma câmera de entrada, você baixou bem a velocidade para você conseguir uma lâmina, uma iluminação legal, botou o ISO ali, não no limite, mas um pouco perto do limite da câmera, o que essa foto vai conseguir te trazer em resultados, provavelmente vai ter muito ruído nela. E se você for para um software para tentar reduzir esses ruídos, você pode até conseguir reduzir esses ruídos, mas, a depender de como foram esses ruídos, talvez você tenha uma imagem completamente artificial, daí pode se afastar da tua proposta, sabe? E aí, então, a pós ela pode ser perigosa.

**Dissonância:** A Dissonância busca artistas que se superam, mesmo diante das adversidades, que mensagem você deixa para os artistas independentes leitores da revista?

**Juliana Fáro:** A mensagem que eu deixo para os artistas independentes é: sempre invente alguma coisa, sempre invente alguma coisa. Eu lembro que eu ainda não havia feito nenhum ensaio de gestante na praia. E eu tinha uma amiga que ela estava gestante. E eu falei, "amiga, vamos pra praia?". Aí a gente começou a imaginar algumas, fotografias que a gente poderia tirar. E eu levei ela pra praia e agora eu tenho um portfólio na praia de gestantes que eu não tinha antes. E as fotos estão lindas, estão lindas, porque as coisas fluíram. Então, sempre invente alguma coisa. Se você não tem algo hoje concreto, que veio do teu trabalho, da tua arte, de alguma coisa assim, inventa, inventa com alguém que tu podes contar, inventa exatamente aquilo que tu queres fazer. E aí depois vai acontecer naturalmente. E quando chegar até você, essa demanda, esse pedido oficial, esse trabalho oficial, tu vais estar pronto, tu vais estar prontíssimo, ou prontíssima.

**OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA**



**[CLIQUE AQUI](#)**

CONHEÇA O  
**RAIO-X DO**  
**ÁLBUM**  
 UM PRODUTO  
 EXCLUSIVO  
 PARA  
**ARTISTAS**  
**INDEPEN**  
**DENTES**  
 QUE PRECISAM  
**IR ALÉM**

**Dissonância**  
 o maior ecossistema de divulgação de artistas independentes do Brasil

**RAIO-X DO ÁLBUM**  
 Cada faixa explicada. A obra compreendida


Nem todo álbum merece uma análise faixa a faixa. O seu, sim.

Cada música explicada no detalhe, com contexto histórico, intenção artística e leitura curatorial.

Um conteúdo que transforma lançamento em obra compreendida.

O mesmo padrão de excelência da Dissonância.

ENTRE EM CONTATO PELO WHATSAPP  
**(021) 96736-6260**

A close-up, profile view of a man with dark, curly hair, a full beard, and round glasses. He is wearing large, black over-ear headphones with gold-colored accents. He is smiling slightly and looking towards the right. In the background, a professional recording studio is visible, featuring a microphone on a stand with a pop filter, and various pieces of audio equipment. The lighting is warm and focused on the man's face.

# Tonfil: a voz que emoldurou a poesia do Pajeú

Por Clara Mello

No coração de São José do Egito, a "**capital nordestina da poesia**", o destino de Antônio José de Lima Filho parecia traçado pelas rimas de seus antepassados. Neto do lendário repentista Louro do Pajeú e herdeiro da tradição da família Marinho, o artista que o Brasil conhece como Tonfil carrega em seu DNA uma "genética vocal e sonora" que salvaguarda o patrimônio imaterial do Sertão.

Seu nome artístico, forjado ainda na infância nos corredores de uma casa onde as bibliotecas transbordavam clássicos da literatura mundial e os gibis do Pasquim dividiam espaço com as obras de Ziraldo e Henfil, é uma reverência tanto à sua linhagem direta quanto à irreverência de figuras que marcaram a contracultura brasileira. A fusão do "Ton" de Antônio com o "fil" de filho cria uma identidade única, sonora e memorável, traz ao mesmo tempo a simplicidade do interior e a sofisticação de referências estéticas das mais diversas procedências.

### Do Crítico ao Cantor: Um Caminho Sinuoso

A trajetória de Tonfil para os palcos não foi linear, nem previsível. Embora a arte sempre tenha permeado o cotidiano de sua família através de bibliotecas repletas de clássicos literários, quadrinhos e discos de vinil que iam de Saltimbancos à Arca de Noé, passando pela Turma do Balão Mágico, o jovem Antônio José de Lima Filho inicialmente não planejava ser cantor profissional. Seu sonho era outro: tornar-se um crítico de arte ou de música, alguém que analisasse esteticamente as criações alheias em vez de produzir as próprias.

Essa aspiração o levou a cursar jornalismo na UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco -, buscando um ofício que envolvesse a análise estética e a reflexão crítica sobre as manifestações culturais. Em entrevista exclusiva à Revista Dissonância, ele revelou.

**"Eu queria trabalhar como jornalista, como crítico de arte, como crítico de música."**



A música, nesse contexto, ocupava um lugar secundário, quase de hobby, uma prática prazerosa que ele cultivava desde a infância mas que não vislumbrava como profissão principal. Cantar era algo



que ele fazia desde muito jovem, mas a ideia de que sua voz pudesse se tornar seu instrumento de trabalho definitivo parecia remota. No entanto, a vida artística reserva surpresas para aqueles que, mesmo sem buscar o centro do palco, carregam um dom que insiste em se manifestar.

O divisor de águas na trajetória de Tonfil ocorreu de forma inesperada e decisiva: um convite para gravar uma música inédita em um projeto de Dominginhos e Xico Bizerra.

Quando recebeu a proposta de participar do disco de duas das maiores figuras da música brasileira, Tonfil não podia recusar. Como ele próprio relatou em entrevista exclusiva à Revista Dissonância:

**"Eu não poderia deixar de aceitar um convite de Xico Bizerra, um compositor maravilhoso de tantas coisas lindas, e Dominginhos".**



Esse convite foi um verdadeiro batismo, fazendo-o perceber que sua voz, descrita por Bia Marinho como uma "**voz de anjo**", era seu instrumento definitivo. A partir desse momento, as redações foram trocadas pelas interpretações teatrais e aveludadas que hoje encantam o público, consolidando sua carreira como cantor de sucesso.

### A Herança do Pajeú: Genética Vocal e Sonora



LOURO DO PAJEÚ

A linhagem artística de Tonfil é impressionante em sua profundidade e extensão. Como neto de Louro do Pajeú, um dos repentistas mais renomados do Brasil, e membro da família Marinho, clan de poetas, cantores e compositores que se estende por gerações no Sertão pernambucano, ele herdou não apenas um sobrenome carregado de significado cultural, mas uma verdadeira "**memória vocal**" que atravessa séculos de tradição oral.



HELENA MARINHO E VITÓRIA ALVES

"Minha avó Helena Marinho, filha do Águia do Pajeú, chamado, ou chamado Águia do Sertão, Antônio Marinho do Nascimento, ela dizia que essa coisa da gente cantar, a gente tinha puxado a ele, Antônio Marinho, que tinha uma voz boa, uma voz que cantava. Ele também falava muito bem, era uma pessoa muito leitora."

### Uma Discografia de Impacto e Conceito

A obra musical de Tonfil, embora curta em extensão cronológica, é densa em qualidade e reconhecimento crítico.



Seu primeiro álbum, **Acontecer** (2011), já apresentava um repertório autoral fincado na poética popular. Gravado em parceria com Vinícius Sarmiento e Greg Marinho, o trabalho apresentou um intérprete atento às palavras e à tradição, mas disposto a dialogar com sonoridades contemporâneas.

A consolidação veio com **Moldura** (2022), disco produzido por Juliano Holanda. Concebido ao longo de anos atravessados por editais culturais e pelo hiato imposto pela pandemia, o álbum amadureceu junto com seu autor.



Inicialmente pensado como um trabalho homônimo, ganhou o título a partir da canção de Zeto, tornando-se um conceito estruturante. A moldura, metáfora central, organiza o repertório e dá forma a um conjunto que transita entre ritmos e atmosferas sem perder unidade.

O disco reúne composições de nomes como PC Silva, Isabela Moraes e Martins, além de dialogar com o universo das artes plásticas, campo no qual Tonfil também atua. A própria capa, fotografada por Mariana Pinheiro, foi reconhecida como uma das mais expressivas do cenário pernambucano em 2022, reforçando a integração entre imagem e som.



TONFIL E FLAIRA FERRO

Dentre as faixas, destaca-se especialmente "Silêncio", canção de Antônio Marinho que conta com a participação especial de Flaira Ferro. A gravação dessa música guarda uma história curiosa que ilustra a busca de Tonfil por sonoridades inovadoras:

**"A gente estava achando que o aquário pudesse estar tolhendo alguns movimentos que seriam necessários para a boa execução, para a boa gravação da canção. Então, a gente estava querendo que essa música tivesse toda essa, essas contrações e relaxamentos, que era a música, que a atmosfera da música pedia. Aí pronto, tem hora que Juliano pede ao nosso técnico de som lá, que coloque dois microfones, um do lado do outro, ali dentro do aquário, dentro do estúdio, para que ela se mova parecido com o que ela se move no palco ao vivo, para que se mescle mais a dança da respiração com a dança da canção cantada."**

O resultado foi uma gravação onde a respiração, as contrações e relaxamentos do corpo se mesclam ao canto, criando uma atmosfera sensorial única.



FLAIRA FERRO

Como a própria Flaira Ferro já afirmou, quando descobriu essa migração da canção dançada para a canção cantada, percebeu que **"cantar era dançar com outra parte do corpo"**. É nessa fronteira entre linguagens artísticas que Tonfil situa sua melhor produção.

### O Que Mereço: Do Repertório Descartado ao Single Celebrado

Outro marco importante na discografia de Tonfil é o single **"O Que Mereço"**, canção de Juliano Holanda que, curiosamente, havia sido planejada para integrar o álbum *Moldura*. Nas sucessivas reconfigurações do repertório, a faixa acabou sendo retirada do disco, mas ganhou vida própria como lançamento independente. O mais interessante é que a composição foi gravada também por Zélia Duncan, uma das vozes mais reconhecidas da MPB, cuja versão chegou às plataformas antes mesmo da de Tonfil.



A letra da canção carrega uma filosofia de vida que ressoa profundamente com a postura artística de Tonfil. Como ele explicou em entrevista, a mensagem da música é "certeira, cirúrgica e explícita": tratar da busca pelo que é necessário, do reconhecimento de que o extraordinário pode ser demais, da sabedoria de querer apenas o que se merece.

### Tonfil e o Coletivo Reverbo e a Arte Colaborativa

Além da carreira solo, Tonfil integra o coletivo Reverbo, grupo formado por vinte e oito artistas que se reúnem para criar e se apresentar em performances singulares: um único violão passa de mão em mão entre os participantes, que alternam entre tocar e cantar suas composições.



Essa dinâmica colaborativa foi registrada no documentário "Mostra Reverbo" (2023) e representa uma filosofia artística que Tonfil carrega para seu trabalho individual: a crença de que a arte se fortalece no diálogo, na troca, no reconhecimento de que nenhum artista é uma ilha.

**"Eu acho que independente do estilo que você cante, que você traga, eu acho que sua arte, ela deve estar comprometida com a verdade. A verdade e o melhoramento das coisas. Eu acho que a gente tá comprometido com o melhoramento das coisas, o mundo já é tão complicado, já é tão complexo. E a arte, a arte, ela não, obviamente que a gente sabe que a arte não está só para ser bela ou trazer só o agradável. A arte, ela também está para incomodar. Mas quando ela traz isso também, quando ela traz o incômodo, quando ela traz o afago, a arte, ela tem que ser verdadeira."**

### Horizontes Artísticos: O Futuro em Construção

Quando questionado sobre como gostaria de ser lembrado, Tonfil demonstra uma postura humilde e ao mesmo tempo ambiciosa em termos artísticos: **"não sou muito determinista para dizer isso, qual a espinha dorsal do meu trabalho. Momentaneamente, vibrar, trazer e louvar a arte como um todo, em todos os seus aspectos, em todas as suas plataformas, em todos os seus nuances"**. A mensagem que espera deixar é uma de **"não se fechar às experiências de vida, em experiências artísticas"**, acreditando que quando nos permitimos a essa abertura, **"grandes coisas podem surgir daí"**.



A trajetória de Tonfil ilustra de forma emblemática o que significa salvaguardar o patrimônio imaterial no Brasil contemporâneo. Não se trata de museificar tradições, de cristalizar práticas culturais em um passado idealizado, mas de permitir que elas respirem, se transformem, dialoguem com o presente sem perder sua essência. Ao unir a herança poética do Sertão do Pajeú às linguagens contemporâneas da canção, ao mesclar o repente ancestral com arranjos sofisticados, ao trazer a **"memória vocal"** de gerações para os palcos mais bem equipados do país, Tonfil demonstra que a tradição só sobrevive quando encontra intérpretes capazes de reinventá-la.

# Tonfil em dissonância: entrevista exclusiva

Por Clara Mello

*No coração do Sertão do Pajeú, onde a rima e a perspicácia são respiradas como ar, nasceu Antônio José de Lima Filho. Hoje o Brasil o conhece como Tonfil: neto do lendário repentista Louro do Pajeú, herdeiro da família Marinho e uma das vozes mais precisas da nova geração pernambucana. Ele nunca planejou ser cantor. Queria ser crítico de arte, cursou Jornalismo e via a música apenas como hobby paralelo aos estudos de Artes Visuais. Mas o destino, como ele mesmo costuma dizer, "pediu seu lugar". Hoje ele conta com dois discos densos e uma carreira em ascensão. Nesta conversa exclusiva, Tonfil abre o jogo com Clara Mello sobre herança, escolhas, o conceito de Moldura e o que significa, hoje, ser artista nordestino sem abrir mão da substância.*

**Dissonância:** Você nasceu Antônio José de Lima Filho, mas o nome Tonfil surgiu ainda na infância. Como foi o processo de assumir esse nome artístico e em que momento você percebeu que a arte seria o seu ofício definitivo?

**Tonfil:** Pois é, meu nome mesmo o Tonfil, derivando de Antônio José Lima Filho, o primeiro e último nome. Mas minha família sempre foi muito chegada a referências e também a reverências a figuras irreverentes. Então, Henfil também é uma das referências desse nome, Henrique Filho. E eu, Antônio Filho. E aqui em casa, nas bibliotecas daqui de casa, sempre rolaram, dentre outras coisas, e dentre clássicos da literatura mundial e brasileira, rolavam também os clássicos dos gibis, dos quadrinhos. Então a turma do Pasquim, Ziraldo, Henfil, a galera toda, e também Angeli, também Laerte. Esses personagens, esses autores, esses artistas, sempre permearam nossas vidas. Então, as referências lá em casa eram muito fortes, em vários aspectos. E como o trabalho da gente sempre foi muito ligado aos trabalhadores, a cultura popular, a coisa do trabalhador rural, trabalhador da terra, então eu acho que essas referências são muito válidas. Eu agradeço muito hoje. Eu comecei a assumir esse nome, esse título, enquanto, título não, né? Puta que o pariu, mas esse nome, enquanto artista, quando eu comecei a realmente a trabalhar, eu queria trabalhar como jornalista; eu ia trabalhar, ia ter um trabalho parecido com o de Henfil, inclusive, porque eu queria trabalhar como jornalista, como crítico de arte, como crítico de música, uma coisa por aí, sabe? E eu já gostava de..., eu gosto sempre de um nome só. Eu gosto de nomes únicos. Então, foi uma coisa que facilitou muito, para ser também, não reconhecido, mas identificado,

porque às vezes tinham nomes que pareciam muito uns com os outros. E eu achava difícil ter um nome que parecesse com Tonfil. Só Henfil que também trabalhava em outra categoria, já também não estava mais aqui. Eu vi que a arte seria meu ofício definitivo antes da música, inclusive, porque quando eu fiz o curso de jornalismo, eu queria ser crítico de arte, depois entrei no curso de Artes Visuais, e eu já cantava há um tempo. Só que eu achava que cantar seria uma coisa que ficaria mais ao lado, assim, que teria outras coisas centralizadas, mais centralizadas, como o curso de jornalismo mesmo. E foi com o tempo. Eu estudando, ia fazendo o curso de artes visuais, e eu era estagiário de jornalismo. E eu fui convidado por Dominginhos e por Chico Bezerra para cantar no disco deles, uma música inédita. Então, eu não poderia deixar de aceitar um convite de Chico Bezerra, um compositor maravilhoso de tantas coisas lindas, e Dominginhos. E depois desse disco, os shows foram aumentando um pouco mais. Então, eu fui vendo, fui valorizando mais esse meu lado, que eu já fazia, mas que tava um pouco, eu deixava sempre um pouco mais relegado. Mas eu creio que esse nome, Tonfil, mesmo eu não trabalhando com arte ativamente, não sendo uma coisa, uma profissão, como hoje, eu trabalho na música, eu acho que eu seria chamado de Tonfil do mesmo jeito, por causa dessas miragens que o povo aqui em casa tinha, essas miragens literárias, essas referências. E eu agradeço muito, gosto muito disso.

**Dissonância:** Sendo neto de Louro do Pajeú e vindo da família Marinho, como essa "genética vocal e sonora" e a tradição da rima do Sertão do Pajeú atravessam o seu canto hoje em tempos modernos?

**Tonfil:** Realmente, eu não sei como se atravessa dentro dos séculos, como é que se chega aos tempos modernos, uma coisa que é tão natural e que acontecia tão espontaneamente, como é o repente, como é a poesia, e a noção da perspicácia, né? Então, São José do Egito mesmo, minha cidade, minha terra natal. São José, ele não só tem a cultura da rima e da métrica, apesar de ser, em boa parte, a forma principal que as pessoas expõem suas poesias, dentro desse formato de poema. Mas São José também, ele é muito rico nas respostas rápidas; em você responder, eu vou chamar aqui de ligeireza, né, de você ter respostas rápidas pra tudo, tudo vira motivo para fazer poesia. Então, eu acho que nas minhas apresentações a forma que eu trago e me refiro a essa herança, esse legado, eu acho que é bem forte, porque a maioria das composições e a maioria dos poemas, eu coloco alguns poemas dentro das apresentações, alguns poemas meus, alguns poemas de alguns poetas do Pajeú, que é a minha região, e, eu acho que sempre vai atravessar minha obra, o lugar, o meu lugar. Quanto mais longe eu vou, mais perto eu fico, é uma coisa que eu já disse isso também em outras, outras entrevistas, porque a gente cantando o lugar da gente, como diz Fernando Pessoa, a gente cantando o lugar da gente, a gente tá cantando o mundo. E sempre está presente no meu palco, sempre está

presente nos meus tabulados a força de São José do Egito, a força do repente. Minha avó Helena Marinho, filha do Águia do Pajeú, chamado, ou chamado Águia do Sertão, Antônio Marinho do Nascimento, ela dizia que essa coisa da gente cantar, a gente tinha puxado a ele, Antônio Marinho, que tinha uma voz boa, uma voz que cantava. Ele também falava muito bem, era uma pessoa muito leitora. E eu fico imaginando como é interessante a gente trazendo a memória vocal também para os tempos de hoje, quando eu canto hoje às vezes com os melhores equipamentos ou nos melhores palcos; e eu fico às vezes tentando fazer uma ligação com as pessoas que pareciam com nossas vozes, das nossas linhagens anteriores, como deveria ser. Então, às vezes é como, não deixa de ser uma responsabilidade de você estar trazendo uma certa antiguidade para aquilo novo que você está trazendo.

**Dissonância: O disco Moldura (2022) levou alguns anos para ser concluído, passando por burocracias de edital e uma pandemia. Esse tempo de espera e as mudanças de repertório (já que você mudou o setlist três vezes) mudaram o conceito final do álbum?**

**Tonfil:** Não, interessante que não mudou o conceito final do disco, não. Talvez tenha mudado o nome, porque o nome do disco seria "Tonfil". Seria um disco homônimo. Não teria outro subtítulo, não. Seria "Tonfil Moldura", não. Seria só "Tonfil". Mas, quando eu fui relocando algumas canções, fui colocando outras, aí eu fui vendo que tava ficando assim, uma escolha que, se não tivesse um, talvez um conceito título ali, fosse só "Tonfil", talvez eu tava, eu achasse que podia ficar meio

aleatória a junção das músicas, sabe? Se eu não tivesse emoldurado de alguma forma. Então, eu botei um dos títulos de um dos títulos das canções, que é "Moldura", que é de Zeto, grande poeta de Canhotinho, interior de Pernambuco. Eu acho que foi o título da música que se enquadraria ao título do disco. Desde as questões estéticas mesmo, que eu também, enquanto artista visual, eu fico mirando nessas coisas, fico olhando essas coisas. E, eu já queria uma coisa meio azulada, meio barro, meio céu, meio terra. Eu já tinha uns conceitos meio renascentistas na cabeça, que eu gosto muito dessas, de ler sobre e de pesquisar sobre. Se você for ver, tem uma coisa meio monalisística nessa capa do disco, "Moldura". Então não mudou muito o conceito, não. Mesmo eu mudando algumas canções, às vezes, quando se vê, você muda o repertório três vezes, eu não mudei todo ele, tirei algumas, deixei outras, mudei de lugar algumas que eu tava pensando. Mas não mudei tanto, sabe? Eu acho que a maioria continuou ali. Eu só reloquei, mas também as que eu tirei, não fariam mais sentido. Às vezes você quer dizer outra coisa, às vezes passa tanto tempo pra você gravar, e por essas questões todas burocráticas, teve coisa de pandemia no meio, e às vezes você quer dizer uma coisa que, com três meses depois você vai gravar, você não quer mais dizer aquilo. Então, a busca pode ser outra, sabe? Mas o conceito era basicamente esse, era uma coisa, eu gosto do teor desse disco. Eu gosto da temperatura desse disco, eu gosto da produção do Juliano, é muito boa. A direção do Juliano é muito boa. E assim, é um disco que ele mescla muitas coisas, muitos estilos, muitos ritmos. Eu acho que a gente conseguiu emoldurar, deixar realmente ele assim, várias coisas dentro de um formato agradável.

**Dissonância: A canção "Silêncio", gravada com Flaira Ferro, tem uma história curiosa sobre a captação de áudio, onde ela "cantou com o corpo". Como foi essa experiência de transformar a dança dela em som?**

**Tonfil:** Essa canção Silêncio é uma canção do poeta Antônio Marinho, que é meu primo, um grande compositor. E Flaira Ferro, Flairoca, é uma querida, uma amiga nossa em comum, já tinha trabalhado com o Marinho em alguns trabalhos publicitários do governo do estado, outras coisas, de publicidade. E a gente se conheceu nesse meio mesmo, nesse meio de arte, eu e Flaira. Quando eu convidei Flaira para gravar essa música de Marinho, que ela gostou muito, e essa música, ela tem alguns recursos sonoros, algumas partes, alguns elementos bonitos de respiração, alguns elementos que podem ser dançados com o corpo. E quando Flaira estava fazendo isso, a gente estava achando que o aquário pudesse estar tolhendo alguns movimentos que seriam necessários para a boa execução, para a boa gravação da canção. Então, a gente estava querendo que essa música tivesse toda essa, essas contrações e relaxamentos, que era a música, que a atmosfera da música pedia. Aí pronto, Juliano, tem hora que Juliano pede ao nosso técnico de som lá, que coloque dois microfones, um do lado do outro, ali dentro do aquário, dentro do estúdio, para que ela se mova parecido com o que ela se move no palco ao vivo, para que se mescle mais a dança da respiração com a dança da canção cantada.

Então, como a própria Flairoca diz, uma vez ela já disse isso na entrevista, a Flaira disse que, quando descobriu essa migração da canção dançada, como ela era bailarina de frevo, para canção cantada, quando ela se viu cantora, ela disse que viu que cantar era dançar com outra parte do corpo. É lindo isso, né? Essa resposta dela é muito linda. Então, eu acho que a gente só louva a existência de Flaira Ferro, a existência dessa gravação, a existência de Antônio Marinho e de todos os poetas em geral, porque quando essas coisas se mesclam, elas geram supernovas maravilhosas.

**Dissonância:** Qual a mensagem do single “O Que Mereço”?

**Tonfil:** O single que mereço, na verdade, ela virou single depois, porque ela era uma das canções que constaria no disco “Moldura”. Mas nessa coisa de música vai, música vem, de troca de repertório, essa foi uma das canções que seria uma das canções de frente do disco, mas ela terminou ficando de fora, por outras questões. Zélia Duncan também ia gravar na mesma época, então, a dela terminou saindo antes. A gravação dela terminou saindo antes do que a minha, então a gente decidiu deixar essa canção pra depois, e deixamos. Ela depois saiu em single, e eu acho linda, é um presente de Juliano Holanda, essa canção, com várias outras coisas dele. E gosto muito de cantá-la, gosto muito da mensagem que ela traz. E eu acho que a mensagem que essa canção traz é isso, assim. Eu acho que a gente, acho que é muito, como dizia, o Davi Histed, é difícil explicar poema, é desnecessário até. Ele é o que veio sendo. Então, acho que “O Que Mereço” é isso.

E essa canção, ela fala exatamente disso, de ser necessário, somente necessário e extraordinário é demais. Eu acho que a gente tendo o que merece, eu acho que, eu lembrei até de outra, de outro aforismo aqui do meu avô, que era o Lorival Batista, perguntaram a Lorival se ele era feliz, ele disse: “Sim, porque eu só vou atrás do que me falta, o que sobra não me interessa”. Então é mais ou menos isso. Só quero o que mereço. A mensagem que essa música traz é certa, cirúrgica e explícita.

**Dissonância:** Qual mensagem é a espinha dorsal de sua obra como um todo? E como você quer ser lembrado?

**Tonfil:** É difícil falar sobre espinha dorsal de trabalho como um todo, qual a mensagem que o trabalho passa como um todo, quando ele ainda está sendo feito. Quando ele ainda está sendo trilhado até em aspectos iniciais. Porque eu ainda tenho muita coisa a fazer, espero que, mas também só quero que mereço (risos), mas eu acho que temos ainda muitas coisas a trilhar. Então, para designar e determinar qual a espinha dorsal do trabalho, eu acho que essas espinhas dorsais, elas vão se multiplicando, elas vão virando uma, vão virando várias, de acordo com os momentos de cada epifania, de cada trabalho artístico. Então, eu não sou muito determinista para dizer isso, qual a espinha dorsal do meu trabalho. Momentaneamente, vibrar, trazer e louvar a arte como um todo, em todos os seus aspectos, em todas as suas plataformas, em todos os seus nuances, suas nuances e isso, seus suportes.

Mas se é para deixar alguma mensagem, também não sou muito de me preocupar com essas coisas, o que vou deixar, qual a mensagem positiva que vou deixar, não sou muito de me preocupar com essas coisas não. Não sou tão determinista nessas coisas não, nem preocupado com isso, mas eu espero deixar uma mensagem de trabalhar com todas as possibilidades da arte. Eu acho que essa é a minha principal mensagem. Eu acho que uma mensagem de não se fechar às experiências de vida, em experiências artísticas. Eu acho que quando a gente se permite a isso, eu acho que grandes coisas podem surgir daí.

**Dissonância:** Você mencionou planos para um single infantil, buscando fazer algo “fora da curva”. O que motivou essa incursão pelo universo lúdico das crianças?

**Tonfil:** Na verdade, eu sempre gostei muito de canções de roda, de canções de teatro, canções de fábulas. A gente, na minha casa sempre costumava muito cantar canções infantis. E sempre rodou os discos lá em casa, os Saltimbancos, a Arca de Noé, a Turma do Balão Mágico e outros. Fábulas, aquelas fábulas que vinham em vinil, aquelas coisas todas. A gente tinha todas essas coleções. E canções de roda, principalmente. Minha mãe, minhas tias, minha avó, sempre foram pessoas que sempre cultivavam muito essas canções, essas memórias infantis, das canções lá em casa. Eu acho que juntou todas essas vontades com algumas pessoas que eu fui conhecendo ao longo do caminho, agora na trilha da música já. Pessoas que têm um trabalho muito bom, muito marcante, muito forte.

*E nesse caminho, eu fui encontrando pessoas que trabalhavam com coisas do meio ali, na musicalização infantil, com a música como recurso pedagógico para socialização. Então, tudo isso foi se mesclando e a gente tá preparando uma coisa linda que até o meio do ano, vocês vão curtir bastante.*

**Dissonância:** Para os jovens artistas que desejam viver da arte no Nordeste, qual a importância de "ter confiança na substância" do que se produz e saber "entrar e sair dos lugares", como você costuma aconselhar?

**Tonfil:** Quando eu falo assim da importância de se ter confiança na substância, no que se faz, no que se produz, eu acho que independente da categoria musical, eu acho que independente do estilo que você cante, que você traga, eu acho que sua arte, ela deve estar compromissada com, comprometida com a verdade. A verdade e o melhoramento das coisas. Eu acho que a gente tá comprometido com o melhoramento das coisas, o mundo já é tão complicado, já é tão complexo. E a arte, a arte, ela não, obviamente, que a gente sabe que a arte não está só para ser bela ou trazer só o agradável. A arte, ela também está para incomodar. Mas quando ela traz isso também, quando ela traz o incômodo, quando ela traz o afago, a arte, ela tem que ser verdadeira. Ela tem que trazer toda substância que a gente produz dentro de si. Eu acho que o mundo tá precisando de essências. E eu acho que é isso, eu acho que a confiança no que a gente faz é a principal movedora das coisas, de boas coisas. E a gente conhecendo a nossa essência, ou pelo menos tentando conhecê-la, a gente sabe entrar e sair dos lugares, a gente sabe onde a gente se demora, a gente sabe onde a gente se encurta, onde a gente passa pouco, onde a gente passa mais tempo, né? E isso faz com que a gente tenha conhecimento. Se a gente tendo conhecimento da essência, faz com que a gente confie também na intuição. Então, a gente tendo esse diálogo com a intuição, com a essência da gente, dificilmente as coisas dificultam além da conta na vida. Obviamente elas vão dificultar, porque a vida é assim, subir e descer ladeiras, como diz PC Silva, mas eu acho que facilita muito quando a gente confia na nossa essência, na nossa substância, e trabalha com a verdade.

**OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA**



**[CLIQUE AQUI](#)**

Divulgue na Dissonância

REVISTA  
**DISSONÂNCIA**

**SUA MARCA  
CHEGANDO  
A MILHARES  
DE LEITORES  
NO BRASIL E  
NO MUNDO**

# PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA



O Que Mereço  
28/09/2023



Moldura  
28/09/2022



Acontecer

## TONFIL

Tonfil nasceu em São José do Egito, berço da poesia popular nordestina. Neto do repentista Louro do Pajeú, carrega na voz a herança da rima, da métrica e da resposta ligeira do Sertão do Pajeú. Antes de assumir a música como ofício, cursou Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco e estudou Artes Visuais, com a intenção de atuar como crítico de arte. O palco, porém, o escolheu: após convite de Dominginhos e Chico Bezerra para gravar uma canção inédita, consolidou-se como intérprete.

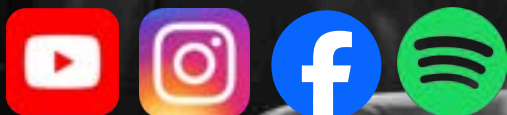
Sua discografia é concisa e consistente. Em Acontecer (2011), apresentou um repertório autoral de forte carga poética. Já Moldura (2022), produzido por Juliano Holanda, reafirma seu perfil conceitual ao reunir compositores contemporâneos e dialogar com as artes visuais. Destaque para "Silêncio", com Flaira Ferro, e para o single "O Que Mereço", também gravado por Zélia Duncan.


Integrante do coletivo Reverbo, Tonfil articula tradição e contemporaneidade, mantendo viva a chama do Pajeú em palcos do Nordeste e do Brasil.

VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DO CANTOR  
TONFIL NA DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

### REDES SOCIAIS



A photograph of a middle-aged man with a grey beard and mustache, wearing a dark suit, white shirt, and blue tie. He is sitting at a black grand piano, smiling warmly at the camera. His hands are resting on the piano keys. The background is a plain, light-colored wall.

## Rogério Espósito: A maestria da engenharia e a paixão da música na Revista Dissonância

Por Jorge Murilo

A música brasileira ganha um novo interlocutor nas páginas da Revista Dissonância. Trata-se de Rogério Espósito. Carioca de 52 anos, Espósito é uma figura singular que caminha facilmente e com maestria entre dois mundos aparentemente distantes: a precisão matemática da Engenharia de Petróleo e a sensibilidade artesanal da música profissional.

Com pós-doutorado na área técnica e uma carreira sólida de mais de 25 anos atuando em projetos de grande envergadura, ele traz para nossas páginas uma bagagem cultural densa, moldada por décadas de estudo sistemático ao piano e composições profundas sobre existência humana. Essa dualidade aparentemente contraditória revela-se, na verdade, complementar: a disciplina científica fornece a estrutura sobre a qual a criatividade pode florescer com liberdade e propósito.

Em sua estreia como colunista, Rogério abordará curiosidades do meio musical, técnicas de musicalização, o universo do piano e histórias fascinantes sobre grandes compositores. Mas quem é, afinal, esse artista que o jazzista americano Jonny May definiu como "100% passion"?

### **Palavras Cegas: Uma Canção que Revela Vidas Desperdiçadas**

O cartão de visitas de Rogério Espósito para o grande público é, indiscutivelmente, a canção "Palavras Cegas". Composta em 1990, quando ele tinha apenas 16 anos de idade, a obra transcendeu o formato musical e ganhou vida literária através de um conto homônimo ("**Palavras Cegas, a canção que é meio triste mas não era para ser**") **que recebeu Menção**

Honrosa no prestigiado **Prêmio Destaques Literários de 2024**. Nele, o artista aprofunda a ideia de cegueira simbólica: palavras que não conduzem à solução quando falta repertório para transformar recurso em realização.

Essa transposição de uma linguagem artística para outra demonstra a profundidade conceitual da obra, que carrega em si camadas de significado suficientes para sustentar diferentes formas de expressão e interpretação ao longo das décadas.

Diferente do que muitos podem supor ao ouvir a menção a Santa Rita na letra, Rogério esclarece de forma enfática que a música não é um hino religioso ou uma canção devocional. Em vídeo explicativo publicado em suas redes sociais, ele afirmou categoricamente: "**Palavras Cegas não é um hino de louvor a Santa Rita. Eu já falei isso algumas vezes, mas é bom deixar bem claro: eu não sou religioso, não sou devoto da santa. Palavras Cegas é uma canção baseada em fatos reais que fala sobre falta de perspectivas**". A escolha da figura de Santa Rita, reconhecida popularmente como a padroeira das causas impossíveis, funciona como uma metáfora para retratar vidas estagnadas na base da Pirâmide de Maslow, onde "todo e qualquer passo é maior do que a perna", nas palavras do próprio compositor.

Na entrevista exclusiva concedida à Revista Dissonância, Rogério aprofundou a explicação sobre a filosofia por trás da composição, revelando uma consciência social aguçada que surpreende em alguém tão jovem à época:

**"Palavras Cegas fala de vidas desperdiçadas que chafurdam na base da Pirâmide de Maslow. Não viemos ao mundo para sobreviver e pagar conta. A existência tem um significado maior, mais elevado. E, se qualquer passo para você é maior do que a sua perna; se qualquer ambição, por menor que seja, é impossível de alcançar; e, se rezar é tudo o que você pode fazer, então reze logo para Santa Rita, a padroeira das causas impossíveis".**

Essa reflexão sobre a condição humana revela um artista que, desde a adolescência, possuía uma visão crítica aguçada sobre as estruturas sociais que aprisionam indivíduos em ciclos de mera sobrevivência.

### **O Conto: da Música à Literatura**

No conto que expande a narrativa da canção, Rogério utiliza uma metáfora visual singular, inspirada pelo filme "Perfume de Mulher", de Dino Risi, não para caracterizar o personagem cego, mas para iluminar a figura do jovem Charlie, que sofre com o "não-pertencimento" e a incapacidade de vislumbrar alternativas para sua situação. A cegueira, portanto, não é física, mas existencial: uma incapacidade de enxergar saídas e possibilidades mesmo quando elas estão presentes no horizonte de possibilidades.

Para Rogério, o título reflete sua própria condição psicológica da época: **"As minhas palavras não me faziam enxergar a solução. Daí o nome da música"**. É uma confissão poética de alguém que, mesmo possuindo o discurso crítico correto, não conseguia aplicá-lo à própria vida devido à revolta que o cegava.



Em resposta a poetisa Val Porto, também colunista da Dissonância, que questionou o significado profundo da canção, Rogério elaborou uma explicação que conecta a obra à sua experiência pessoal de forma reveladora. Ele explicou que a música foi composta **"num contexto de muita exclusão, acontecer, muita falta de cultura, falta de discernimento, falta de perspectiva"**. A reflexão que se segue é particularmente esclarecedora sobre a tensão entre consciência e capacidade de ação:

**"Em 1990, do alto dos meus 16 anos, eu já tinha essa percepção, eu tinha o discurso certo, mas cego pela minha revolta, eu também não conseguia usar de maneira eficiente o recurso excedente, que**

**obviamente não era eu que produzia, então também não tinha tanta autonomia assim, obtendo, portanto, o mesmo resultado pífio das pessoas que não tinham essa noção"**.

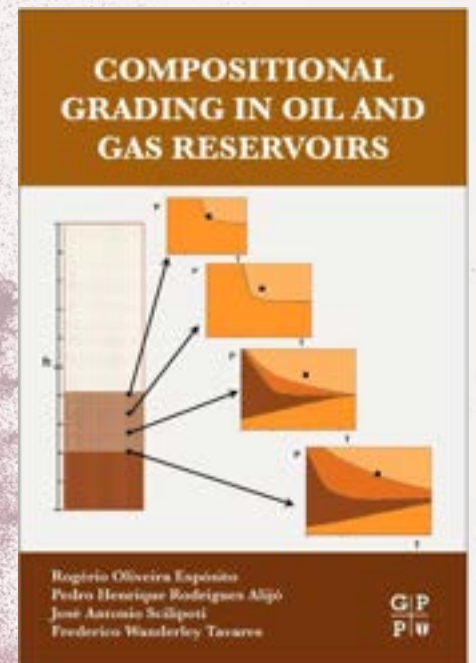
### A Trajetória Musical e a Defesa da Autenticidade



Rogério Espósito é um músico "raiz", pianista e multi-instrumentista, ex-aluno de nomes como Antônio Adolfo e Rafael Vernet. Sua dedicação à música é evidente em sua rotina: **"Estudo piano todo dia, mesmo com pouco tempo, me irrito com o que não consigo fazer, sou humano"**. Ele se posiciona firmemente contra o uso excessivo de inteligência artificial na composição musical, valorizando o esforço e a criação humana:

**"Acho um absurdo o computador fazer sua música pra você... Poderia usar um software pra escrever os arranjos, não tenho nada contra isso, mas jamais pediria a máquina para gerá-los"**

Sua trajetória profissional, que inclui a Engenharia e o pós-doutorado, inclusive com livro técnico publicado, reflete uma visão pragmática e realista sobre a carreira artística.



Ao ser questionado sobre a superação de obstáculos como artista independente, ele aconselha:

**"CONTINUEM RECEOSOS! Não se joguem! Mantenham seus empregos e continuem estudando. De preferência, façam concursos públicos, garantam seu salário e usem parte dele para se capacitar no mercado da música"**.

Para ele, **"Dinheiro é importante, mas não basta. É preciso ter cultura para saber onde e com o que gastar"**

## Um Artista Presente e Acessível

Uma característica que distingue Rogério Espósito de muitos artistas de sua geração é a sua presença ativa e engajada nas redes sociais. Longe de manter uma postura distante ou inacessível, ele cultiva uma relação de proximidade genuína com seus seguidores, respondendo perguntas, explicando suas composições e compartilhando reflexões sobre temas cotidianos que vão muito além da música. Essa acessibilidade não é uma estratégia de marketing, mas uma extensão natural de sua personalidade e de sua crença na importância do diálogo como ferramenta de construção cultural.

Em um post recente, Rogério demonstrou sua consciência sobre os desafios do acesso à cultura no Brasil ao discutir a dificuldade de conseguir ingressos para shows de qualidade no Rio de Janeiro. Com detalhes minuciosos, ele analisou a situação do mercado de entretenimento, questionando os mecanismos de distribuição de ingressos e a falta de divulgação adequada que exclui o grande público de eventos culturais importantes. **"Eu considero impossível que esse esgotamento imediato dos ingressos seja por conta da venda aberta. Eu acho que deve ter uma parte considerável dos ingressos sendo distribuída para pessoas VIPs ou patrocinadores ou produtores".**

A história familiar também encontra espaço em suas publicações, como no relato sobre seu avô Venzo, o primeiro Espósito a chegar ao Brasil. Imigrante italiano que se instalou em Ubá, Minas Gerais, no início do século XX, Venzo fundou a **Agência Espósito** de distribuição de jornais e revistas, um negócio que passou por gerações e manteve a família unida através dos anos. Rogério lembra com carinho dos gibis e revistas que recebia do tio Mário durante a infância, e a música se revela como mais um fio nessa teia de conexões intergeracionais. Essa capacidade de entrelaçar memória afetiva, história familiar e expressão artística é uma marca de sua escrita que certamente enriquecerá seus textos na coluna.

## Seja bem-vindo à Revista Dissonância

A Revista Dissonância convida seus leitores a acompanhar essa nova voz que se junta ao nosso time de colunistas. Com sua visão multifacetada, Rogério Espósito promete enriquecer a Revista Dissonância com artigos que irão além das curiosidades musicais, abordando a arte, a cultura e a vida sob uma perspectiva única.

Seja bem-vindo, Rogério Espósito. Suas palavras, desta vez, não serão cegas: serão lentes através das quais poderemos enxergar a música por ângulos ainda não explorados.

# APOIE A ARTE INDE PEND ENTE

SIGA A PLAYLIST  
EDITORIAL DA  
DISSONÂNCIA NO  
SPOTIFY



[CLIQUE AQUI](#)





## Rogério Espósito em dissonância: entrevista exclusiva

Por Jorge Murilo

***Entre a precisão da engenharia e a sensibilidade da música, Rogério Espósito traça uma trajetória de disciplina, pensamento crítico e expressão artística. Pianista, compositor e multi-instrumentista, é autor de canções que refletem inquietações sobre cultura, existência e construção de sentido. Agora, passa a integrar o time da Revista Dissonância como colunista, levando ao público textos que exploram a musicalização, os bastidores do meio artístico e as histórias por trás de grandes compositores. Nesta entrevista, Espósito apresenta não apenas sua obra, mas também a visão de quem entende a música como prática, estudo e posicionamento diante do mundo.***

**Dissonância:** Qual a mensagem de “Palavras Cegas”?

**Rogério Espósito:** *Palavras Cegas fala de vidas desperdiçadas que chafurdam na base da Pirâmide de Maslow. Não viemos ao mundo para sobreviver e pagar conta. A existência tem um significado maior, mais elevado. E, se qualquer passo para você é maior do que a sua perna; se qualquer ambição, por menor que seja, é impossível de alcançar; e, se rezar é tudo o que você pode fazer, então reze logo para Santa Rita, a padroeira das causas impossíveis. Ou, se quiser realmente tomar providências, dê um passo atrás e reveja porque as coisas chegaram a esse ponto. Trace uma estratégia que te permita levantar da cama na busca de um objetivo maior: viver com plenitude, consumindo o que você gosta, de acordo com os seus valores. Dinheiro é importante, mas não basta. É preciso ter cultura para saber onde e com o que gastar.*

**Dissonância:** “Palavras Cegas” é uma composição relativamente antiga, por que você demorou tanto para lançar e mostrar ao mundo?

**Rogério Espósito:** *Passei muitos anos sem pensar nisso e na correria, trabalho, casa, família, não dava para pensar numa estratégia. Quando as redes sociais viraram uma forma viável (ainda difícil) de divulgar, eu resolvi gravar e investir.*

**Dissonância:** Como sua trajetória profissional (Engenharia e pós-doutorado) reflete a superação de obstáculos como artista independente, já que são contextos distintos?

**Rogério Espósito:** *Os contextos são parecidos porque a realidade do Brasil é comum a todos nós. Não existe emprego ou perspectiva aqui. Eu me esforcei muito para passar em um concurso público porque empreender é impossível. Só quem tem muito dinheiro para perder consegue fazer mais dinheiro. As redes sociais não “democratizaram” o mercado, como o povo fala, mas criaram uma alternativa secundária, mais realista para o artista que não deseja a fama absoluta, mas um público de qualidade e uma renda extra, complementar. Esquece fortuna e independência financeira. Com o pé no chão, pequenas conquistas podem trazer muita satisfação.*

**Dissonância:** A música “Um Certo Artista” foi cantada junto com seus filhos, você já está preparando a nova geração ou foi apenas um experimento musical?

**Rogério Espósito:** *Eles cantaram uma parte muito dolorosa de “Um Certo Artista”, que fala do mesmo contexto de “Palavras Cegas”. É opção de cada um se construir ou se esquecer. Saúde, por exemplo, é um requisito básico, não dá pra agradecer por ter saúde e não querer mais nada. É preciso construir momentos, realizar sonhos. Naquela época, isso era realmente impossível. São fases que a gente só torce pra acabar e voltar a viver. Acontece com todo mundo. O tempo em que você chafurda no básico é que faz a diferença. Eles sabem disso porque eu tenho essa experiência pra passar.*

**Dissonância:** Você é um músico raiz, pianista e multi-instrumentista, como você enxerga os músicos “modernos” que usam apenas as IAs para composição do instrumental de suas músicas, ao invés de se dedicarem a aprender e a tocar algum instrumento?

**Rogério Espósito:** *Só uso IA para vídeos de divulgação. Acho um absurdo o computador fazer sua música pra você. Eu estudo piano todo dia, mesmo com pouco tempo, me irrita com o que não consigo fazer, sou humano. Toquei os teclados, fiz as vozes, escrevi os arranjos na mão e paguei os músicos de estúdio para executá-los. Tenho orgulho disso. Poderia usar um software pra escrever os arranjos, não tenho nada contra isso, mas jamais pediria a máquina para gerá-los.*

*Não sei usar o Protools e gostaria de saber pra aprender a gravar, mixar e consertar uma ou outra nota errada. E só. Esse é o papel da tecnologia e nada mais.*

**Dissonância:** Que mensagem você deixa para os artistas independentes que ainda estão receosos de se jogarem de vez na carreira?

**Rogério Espósito:** *Excelente pergunta. Sou muito sincero: CONTINUEM RECEOSOS! Não se joguem! Mantenham seus empregos e continuem estudando. De preferência, façam concursos públicos, garantam seu salário e usem parte dele para se capacitar no mercado da música. Aí, tudo vai depender só de você mesmo. Conhecimento a gente compra, sim. O resto, não. O resto vem com ele.*

# PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

## ROGÉRIO ESPÓSITO

Rogério Espósito iniciou sua trajetória musical ainda na adolescência. Aos 16 anos, compôs canções como "Palavras Cegas", "Impressão", "Um Certo Artista" e "Cavaleiro", obras marcadas por reflexão existencial e questionamentos sobre pertencimento, cultura e construção de sentido. Embora escritas no início dos anos 1990, essas músicas só ganharam registro fonográfico em 2018, quando o artista decidiu investir na produção independente e utilizar as redes sociais como meio de difusão.

Pianista formado sob orientação de nomes como Antônio Adolfo e Rafael Vernet, Espósito mantém uma rotina disciplinada de estudo e defende a musicalização estruturada, com domínio técnico e autoria consciente. Multi-instrumentista, assina arranjos, grava vozes e participa ativamente de todas as etapas criativas de seus lançamentos.

Sua canção "Palavras Cegas" extrapolou o formato musical ao originar o conto homônimo, premiado com Menção Honrosa no Prêmio Destaques Literários 2024, ampliando o diálogo entre música e literatura em sua obra.

Paralelamente à carreira artística, construiu sólida trajetória na Engenharia de Petróleo, experiência que influencia sua visão pragmática sobre o mercado cultural. Entre técnica e sensibilidade, Rogério Espósito desenvolve um repertório autoral que une reflexão social, lirismo e rigor musical.

VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DO ROGÉRIO ESPÓSITO NA DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)



Um Certo Artista  
04/12/2018



Rogério Espósito  
11/01/2018

### REDES SOCIAIS



# UMA ESPIA NOS TEMPOS DE MACHADO

O artefato guardava a promessa de vencer a morte. Machado ofereceu algo mais perigoso: consciência.

## PARTE 01: VESTIDO ANTIGO

Num enorme prédio cinza, um banheiro rosa claro. Aurora se prepara para a sua nova missão, respirando fundo, tendo o cigarro à boca. Segura o isqueiro, acende. Ver a fumaça e sentir o calor já não é algo que a tranquilize mais. Bastam dois tragos, ela apaga o cigarro na pia e o joga na lixeira ao lado.

No amplo espelho, observa marcas de expressão começando a aparecer. Nota também que precisa retocar um pouco o batom. Pega-o da pia – a essa altura, sabia que nenhum colega de trabalho se importaria em mexer em suas coisas – e torna os lábios um pouco mais espessos. Aurora gostaria de sentir-se mais provocativa. Sendo uma espiã, era esperado que ela assim fosse, mas, como a realidade é indiferente aos clichês da ficção, Aurora sentia os lábios em permanente secura.

Passou a língua por eles, observou-se em mais detalhe. Estava em trajes antigos, do tipo que se usava no Brasil de muitos anos atrás, quando este país era, para outros povos, sinônimo de bom gosto e não de jugo.

Povos como o dela, que haviam sido dominados após a Última Grande Guerra. E, mesmo assim, ela tinha traído seu povo: Aurora entregara, primeiro, seu coração à cultura do dominador. Depois, o próprio corpo. E a marca ali estava – uma cicatriz na testa, adquirida durante a travessia das severas grades de fronteira.

A essa dolorosa história da pele Aurora fez questão de encobrir com o cabelo ruivo, tentando se segurar para não chorar lágrimas rosas num mundo tão cinza quanto a Nova São Paulo. Aprumou o vestido branco, ajeitou o chapéu de igual cor, com detalhes em azul. Pousou os dedos sobre a maçaneta da porta principal, cortou a hesitação com mão firme e tomou o rumo do escritório.

No caminho, parou em frente à nova máquina de café, perto da janela. Lá fora, a tempestade engolia a cidade, transformando até os corredores de trabalho num lugar tranquilo.

A ilusão de tranquilidade logo se quebrou quando um sujeito alto e forte, de terno azul marinho, esbarrou em Aurora para pegar café.

– Ei! – ela disse ao desconhecido, equilibrando-se para não manchar o vestido.

Recebeu apenas um olhar de óculos escuros por cima das costas que rapidamente se distanciavam, deixando para trás um leve som de riso e um forte perfume de lavanda. Em suas baías, mais adiante, os outros permaneciam focados nas luzes azuladas de suas telas. Aurora percebeu as gotas sumindo no carpete marinho-escuro. Quis sumir como elas e embrenhou-se em linha reta para seu pequeno escritório.

Fechou a porta, deixou o café sobre a mesa e contemplou a janela opaca de nuvens. Brincou com o isqueiro por alguns minutos, até ouvir a voz do chefe, que entrava sem bater e avisava sem esperar.

– Creio que você já esteja pronta – sua voz saía seca, enquanto ele observava o tablet, nada se atentando para a figura diante de si. Aurora não fez questão de virar as costas. Deixou-o falar: – Em breve, a Ana estará pronta no subsolo. Esteja lá quando seu computador apitar.

Ele saiu, sem ouvi-la dizer algo. Ao menos, deixou a porta fechada. Aurora ainda tinha bons minutos para reler algumas páginas de seu livro favorito. Pelo computador, acessou as páginas de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, um bom substituto para a edição física que ela possuía em casa – o tipo de coisa que ela jamais traria para o trabalho.

*“Há em cada empresa, afeição ou idade um ciclo inteiro da vida humana.”*

Assim escrevia o gênio de Machado de Assis. Palavras que caíam feito espartilho para quem tinha a precisa intenção de encerrar um ciclo naquele insuportável emprego. Aurora suspirou, guardou o isqueiro no busto e fechou sua leitura, após alguns parágrafos. Seus dedos não conseguiam parar diante da possibilidade de poder viajar para o século XIX. Se tivesse sorte, poderia conhecer alguns de seus escritores favoritos. Se fosse hábil, poderia fazer do passado mais que uma visita.

Passou a mão pelos cabelos. Eles ainda escondiam bem a cicatriz. Talvez ela própria precisasse de um esconderijo. Mordeu os lábios pensando nisso e a mordida teria sido forte o bastante para causar um machucado se a notificação no computador não a tivesse chamado. Aurora, quase instintivamente, pegou o isqueiro de cima da mesa e seguiu para o elevador de acesso restrito.

Rapidamente, desceu os cem pisos que a separavam de mais um trabalho a ser feito. Chegando ao subsolo, ela respirou o leve cheiro de éter e surpreendeu-se consigo mesma de ter pernas suficientemente firmes para caminhar naqueles corredores ainda mais azuis e metalizados. A sala vinte a aguardava.

Escaneamento facial feito, abriu-se a porta e Aurora pôde ver os cientistas trabalhando num círculo de máquinas, que tinham, ao centro, um simples portal metálico do qual apenas alguns fios discretos saíam, escorrendo pelo chão em direção aos controladores.

O chefe a aguardava ao centro, o rosto enfiado na luz do tablet. Aurora não esperou que ele desse a ordem. Após tantas viagens ao passado, ela não precisava da confirmação científica para perceber o funcionamento da “Ana”. Postou-se diante da máquina, tomando coragem para encarar sua nova missão.

– Você... – ele tirou o olho do tablet apenas por alguns segundos, para passar a missão – Você está sendo enviada para mil oitocentos e oitenta e um. Deve estar atenta ao utensílio que o informante trará para você. É algo de importante raridade, que traz informações a respeito de material de interesse biológico estratégico.

Neste momento, uma luz forte caiu feito véu do interior do portal. Transformou-se, logo, num tom leitoso e convidativo, que se estabilizou após alguns movimentos tremulantes. Era o momento de Aurora.

Ela subiu os três degraus em direção ao portal iluminado. Ouviu as últimas instruções: – Você deve trazer o conteúdo intacto, sob pena máxima de recolhimento e investigação. Quando estiver pronta, retorne à orla. E, por favor...

“Não interfira em momentos-chave”, Aurora já sabia de cor o discurso. Olhando para a superfície leitosa adiante, sentiu diversas perguntas e incertezas borbulharem em seu estômago. Se tivesse um cigarro... Não. Isso não ajudava. Não tinha o que ajudar.

Com mais dois passos firmes, entrou pelo portal para outra era. Sentiu um deslocamento emergindo das profundezas de seu coração até atingir o calor de sua pele. Num instante, os passos certos de Aurora perderam todos os seus porquês.

## PARTE 02: UM PASSAPORTE

O Brasil de 1881 revelava-se diante dos olhos de Aurora em ondas de brilho e cor. Na terra da corte, o mar lançava rumores de calma, as construções apresentavam gosto pela forma e, ao fundo, os montes verdejantes testemunhavam a eternidade da natureza.

Toda a orla era banhada pelo calor do sol e Aurora tomou aos pulmões, com prazer, os ares desse mundo dourado.

As carruagens cortavam os grãos de poeira flutuantes, moldando contornos próprios, como se ignorassem o ar. Esse espetáculo Aurora contemplava, quando outro veículo veio em sua direção. Belo cavalo preto e bem cuidado veio trotando tranquilo, até que, em breve contorção das pernas, deixou um mal cheiro para trás.

– A senhora precisa de um lenço? – uma mulher perguntou, percebendo Aurora tossir forte, ao seu lado. Estava acompanhada de um homem alto e

uma moça mais nova. Provavelmente, mãe, pai e filha.

– Ah, obrigada – Aurora respondeu, ainda pigarreando por conta do cheiro.

– A corte é assim mesmo, minha querida – a mulher, prosseguiu.

– Logo a senhora se acostuma – a filha comentou, com um sorriso no rosto. O pai, embora nada dissesse, não tirava os olhos graúdos da ruiva que tinha diante de si. A mais nova comentou ainda: – Só tome cuidado para não andar por aí sozinha. – Ora! – a mãe reclamou com a garota – Não seja indiscreta! – Está tudo bem, muito obrigada! – Aurora respondeu, abanando o cheiro com a mão. Tratou de atravessar para o outro lado, indo dar direto na agitada Rua do Ouvidor.

Observou os comerciantes e seus empregados, adultos e jovens. Os menos abastados davam um jeito de carregar um sorriso no rosto mesmo com sacos pesados nas costas agora pela manhã.

Os menores levavam caixotes ou faziam engraxate. As piores cargas, entretanto, viam-se nas costas negras, corpos humanos tratados feito máquina sob os atentos olhares de quem, com chicotes, lhes dava ordens.

Deste grupo numeroso, que constituía a veia da agitação entre os transeuntes, Aurora pôde ver uma confusão que se resolveu com ações enérgicas e breves: foi uma perseguição a um homem negro, provavelmente escravizado. Alguns homens vinham atrás dele, na rua à direita. Ele fez a curva, atravessou um cruzamento na Rua do Ouvidor e, com três pulos sobre uma pilha de caixotes, subiu um muro bastante alto. Pelo lado de dentro do terreno, hastes de madeira, provavelmente uma escada, o esperavam. O homem desapareceu rápido lá para baixo e dois de seus perseguidores passaram perguntando pelo paradeiro do perseguido.

Aurora se lembrou dos tempos da travessia pela fronteira, empinou o nariz e ignorou os questionadores. Nada diria sobre o paradeiro daquele homem que, de alguma forma, era como um companheiro de fuga. Também outras pessoas se recusaram a fornecer informações e Aurora conseguiu sair do burburinho para o café onde deveria estar. Bem ao lado da lendária Livraria Garnier.

Passou pelo prédio de gostos franceses imaginando se Machado de Assis não estaria lá dentro, neste momento. Largou o sorriso de

curiosidade boba e entrou na cafeteria verde, que reunia diversos homens e algumas poucas senhoras a acompanhá-los em certas mesas. Aurora sentou-se ao fundo, demorou um pouco para ser atendida.

Foi tempo suficiente para que notasse algumas estranhas feições. Perto da janela, braços sobre a mesa mantinham um jornal sobre o rosto; noutro canto, próximo ao balcão, um homem se olhava no espelho por tempo demais, utilizando o chapéu para impedir a luz em seus olhos. Barba falsa? Talvez.

Aurora lambeu os lábios, espremeu a vista e desejou, no meio da fumaça de cachimbos e charutos, que seu café chegasse logo. E chegou. Ao menos, algo para acalmá-la da vontade de dar um trago. Ela passou a mão ligeiramente pelo isqueiro, no interior do vestido, como se aquela peça metálica fosse o próprio coração se aliviando. Em seguida, a vista do informante vindo pela porta, em passos seguros de quem chega a um reencontro.

Agora, ela podia ver o rosto dele: uma face quadrada, cheia de ângulos e algumas poucas rugas muito bem postas, muito bem calculadas. Óculos profundamente escuros, aquele terno azul em corpo forte e o mesmo perfume de lavanda. Ele olhava para Aurora, mesmo ela não vendo seus olhos. Trazia uma maleta na mão direita e um sorriso discreto na linha da boca.

– Nada como a pontualidade de uma senhora inglesa – ele disse, com irônica voz aguda. Aurora responderia a provocação se lá, ao fundo, seu cérebro não tivesse reconhecido a figura que tanta curiosidade lhe despertava.

Era o próprio Machado de Assis, um pouco menos imponente, quase manco em sua bengala adentrando o café, com um sorriso para o gerente do balcão. Provavelmente, um velho conhecido. Ele levantava a mão para pedir um café e Aurora esticava o pescoço para acompanhar o movimento.

– Ora! Não se deixe distrair, my dear – o informante disse, após virar-se de costas para acompanhar o olhar de Aurora. Ela aproveitou o breve movimento para captar sua vista por detrás dos óculos, mas os olhos daquele homem eram tão negros quanto as próprias lentes. Voltava, agora, a atenção para a maleta.

– Sejam breves – ela respondeu, mirando diretamente as lentes fundas – Conte, pelo menos, dois inconvenientes por aqui e o futuro não espera.

– Bom, muito bom! Meu cliente também possui certa pressa. Então, vamos ao conteúdo.

Ele arqueou-se, sem tirar seus olhos dos de Aurora, num estranho teste de firmeza. Puxou um livro e sorriu ao endireitar-se com o objeto sobre a mesa. Entre eles dois, repousava o encadernado verde que refletia a luz feito pele de crocodilo afogada em verniz, acompanhada de detalhes de ouro em alto relevo. Um destes detalhes se destacava ao centro: o desenho de um crânio humano sobre um corpo de cobra.

Aurora olhou para os lados. Precisava garantir aquela raridade. Mal acreditava em si, em estar pegando nas mãos aquele objeto lendário de sua profissão. Enquanto abria o livro, o informante fez um garçom se aproximar e pediu um café que lhe foi servido após poucos segundos.

– Você é um informante especial, não é? – ela questionou.

– Prefiro não ser... – ele respondeu, tranquilo, à provocação dos olhos por cima do livro.

– Pois você não deveria trazer roupas tão distintas para este país.

– Eu, sei, eu sei. Mas não me importo – pela primeira vez, ele parecia estar falando sério. Após uma bicada no café, questionou: – Analisando o conteúdo?

Os olhos de Aurora pareciam inúteis diante das palavras que dançavam nas páginas para não serem pegadas. Apenas pelos cantos, onde os olhos não alcançavam totalmente, podia perceber alguns termos de relance: “extensão vital prolongada” dançava aqui, “cuidados de aplicação” rodopiavam ali e um “além da humanidade” dava um carpado para logo se esconder da vista faminta de Aurora.

Brevemente, ela percebeu que era perda de tempo tentar saciar sua curiosidade naquelas páginas. Tomou o café num gole rápido, ajeitou o chapéu e fechou o livro rapidamente. Sem embaraço com o incômodo vestido, apossou-se da maleta, guardou o livro e respondeu o informante:

– Espero que o mistério do seu cliente não atrapalhe nossos serviços.

– Não, não... – ele respondeu com voz tranquilizadora – Tudo funcionará corretamente no seu retorno. Aliás – ele mexeu a cabeça indicando o balcão, enquanto se levantava – a senhora terá boa ajuda em sua viagem de volta a seu país.

Após um sorriso sarcástico, ele acrescentou um “Passar bem”. Saiu caminhando com rapidez. Deteve-se apenas para deixar duzentos réis com o garçom que lhe atendera e desapareceu na rua como a fumaça dos charutos.

Aurora captou a dica anterior. Dirigiu-se ao balcão, percebendo que os dois suspeitos de antes se moviam de seus assentos. Firmou algumas passadas e estendia a mão para Machado de Assis, na tentativa de usá-lo como um salvo-conduto, quando foi ele próprio quem a surpreendeu:

– Vejam, se não é a grande condessa da Bretanha!

Os dedos de Aurora perderam a força e foram amparados pelas mãos do gentil senhor amigável que a observava por detrás dos óculos.

– Ooohh... – as vozes se voltaram, surpresas, para a imagem da moça ruiva. Alguns rostos pareciam curiosos diante de tão importante presença, assim, desacompanhada do cavaleiro do terno azul. O cumprimento de Machado, entretanto, amenizava seus enxerimentos e também os passos dos dois, que preferiam dirigir-se à janela.

– Ah... – foi apenas o que Aurora conseguiu dizer.

– A caminho da embaixada?

Ela respondeu com um aceno de cabeça. Machado deixou a xícara de café incompleta e, com ajuda do balconista que, prontamente, saía para fazer um favorzinho, conseguiu um coche para si e para a tal condessa. O balconista recebeu, com o peito estufado da fama dos outros, o agradecimento simpático do lendário escritor e o sorriso da nobre. Fechou a porta da carruagem com um sorriso bobó, mas logo arranhou briga com os dois sujeitos que esbarravam nele e perdiam a carruagem de vista.

Aurora observou a cena lá atrás e agradeceu não só pela velocidade do cavalo como pela sagacidade da figura ao seu lado.

- Esta embaixada é muito distante? - ela questionou, como para despertar alguma fala daquele rosto em suadouro.

- Bem... - ele passava um pano na testa para resistir aos ataques do sol - Temos uma condessa perdida!

Machado sorria para ela e, pela primeira vez em meses, Aurora conseguia sorrir de volta - ao menos, de forma não planejada. Mas ela não estava convencida.

- Este Brasil é novidade para mim.

- Ah, imagino... - ele comentou, tossindo um pouco - E são estes os presentes que entregaram à senhora? Que maleta indiscreta, não?

- Pois é - ela hesitou um pouco, mas completou - Todavia, vale o conteúdo!

- Precisamente, preci... - ele interrompeu a palavra, num breve espasmo, mas logo retomou o raciocínio - Desculpe-me. Não sou acostumado aos costumes da Inglaterra... Inglaterra, não é?

- Talvez, meu caro. Talvez - ela evitou uma resposta direita aos instigantes olhos de agulha.

A carruagem passou por uma rua de onde vinha um forte barulho. O condutor viraria à direita bem ali, se não o incomodasse a passagem de gente animada demais para seu gosto:

- Droga! Maldito Entrudo!

Machado de Assis observava a movimentação na rua, gente cantarolando, alguns batucando e outros lançando perfume para o alto. Cena curiosa, mas nada desejável para ele; mais uma oportunidade para Aurora.

- Desceremos aqui - ela disse, afetando o sotaque de seus "erre" embolados de muito tempo atrás e, a contragosto da multidão carnavalesca, o bruxo desceu com sua companhia.

Após o pagamento do condutor, ambos seguiram pelo meio da multidão, Machado mantinha-se bem colado à parede, enquanto Aurora apreciava a vista das vestimentas mais despojadas e do papel picado pelo céu - algo tão belo, e tão odiado no futuro. Numa olhada para trás, tranquilizou-se de ver o sujeito de chapéu passando numa outra carruagem em busca do veículo vazio que eles tinham deixado. Busca despistada.

Voltando o olhar para frente, Aurora notou que Machado falava em tom

suplicante, como a repetir algo importante:

- ... Esta galeria, por favor.

Eles entraram em um breve espaço comercial. Machado teve, alguns espasmos fortes, tendo sido amparado por Aurora, na falta de força para segurar a bengala. Após isso, respirou lentamente, como a recuperar a força da consciência. Um homem que passava ofereceu ajuda, mas o próprio doente fez recusa:

- Não, está tudo bem, meu caro. Agradecido - disse, apoiando seus passos no braço de Aurora. Os dois, com os braços enlaçados, caminharam pela breve galeria. Machado tentou se justificar, embaraçado:

- Eu, eu às vezes tenho essas ausências...

As ausências faziam lembrar a face histórica do homem a seu lado. Todavia, a mente de Aurora não estava interessada neste tipo de divagação. Essa saúde frágil, na verdade, fazia lembrar outra coisa. Foi mais direta, deu voz a suas suspeitas:

- Eles não contratariam um homem com esta saúde, de onde eu vim...

Estas palavras surpreenderam os olhos do escritor. Por detrás dos óculos, suas sobrancelhas formaram altos arcos. Diante da reação, Aurora decidiu prosseguir:

- ... Não quero informações formais. Mas, estou curiosa, o que o senhor ganha com isso?

Eles estavam na rua, novamente. Caberia certa discricção, pois alguém poderia estar ouvindo, mas Machado tinha sido descoberto. Explicou-se da melhor maneira que pôde: - Não espero que meus livros durem para sempre. Então, eu exigi certas garantias...

Aurora não pôde segurar o riso: - Oral. Medo de seus livros não durarem?

- Veja só... - ele tentou retribuir o sorriso, mas falava sério - Preciso pensar além da Livraria Garnier. E sei que eles podem garantir isto para mim, para minhas palavras.

Além do mais, deixam-me livre com os arquivos de missão. É algo importante nestes meus tempos difíceis.

A espiã abriu a boca em espanto. Aquilo era uma condição inimaginável de contrato. Quem será que estaria por trás disso? Imediatamente, ela afastou seus braços dos de Machado.

Ele pediu desculpas por gerar desconfiância, mas voltou estas palavras para Aurora:

- E eu conheço muito bem esse objeto em tua posse. Posso garantir que a senhora nada tem a ganhar com ele.

Eles se aproximavam da orla. Já era possível sentir o vento salgado se aproximar. Menos transeuntes se faziam presentes e os dedos se agarravam mais à alça da maleta. As palavras eram tentadoras, mas ainda não convenciam.

- E o senhor lá sabe o que contém este artefato? - Aurora questionou, fingindo indignação.

- Se dão tanta importância a ele, isto se dá porque desejam o que todo homem deseja: não passar, não ser ruído pelos vermes da existência.

O coração de Aurora pulou perto do isqueiro. A crueza das páginas ganhava beleza, assim, na voz de quem as depositara sobre o papel. Ela questionou:

- E por que eu nada ganharia com isso?

Machado repousou o olhar sobre os trabalhadores, por um instante. Em especial os que passavam pela orla, ao longe, em direção ao abastecimento dos comércios da corte, contrastando a beleza da claridade com o peso das escuras cargas nas costas. Muitos ali, é claro, não eram livres. Mas o que se podia fazer?

- Porque o destino de tudo é passar. A fome dos vermes é infinita. E a senhorita acha que poderemos fazer brindes no banquete final, quando somos nós mesmos o prato principal? Bem, eu nunca vi um suíno assado retirar a maçã da própria boca.

O próprio Machado riu da conclusão. Certamente, anotaria isso ao chegar em casa. Aurora, entretanto, olhava para o vazio, como se encurtasse longas jardas entre ela e um porquê. O vento se intensificava, mas pouco se importava com o cabelo, ou o chapéu, ou a cicatriz. A cicatriz.

Abriu a maleta com presteza. Entregou o livro à figura diante de si. Ele segurou, meio sem jeito, o lendário objeto. Observou-o brevemente, mais surpreso com o luxo da encadernação. Teve, entretanto, de voltar sua atenção para os olhos marejados de Aurora.

- Primeiro, eu quero que você dê um jeito nisso - ela disse, puxando o isqueiro do busto de seu vestido,

pouco se importando com o que outros curiosos pudessem pensar. Deixou o objeto sobre o livro. Machado apoiou se na parede do estabelecimento ao lado, tentando se virar com os utensílios. Aurora, entretanto, continuou as instruções:

- No futuro, eu sei que você dará um jeito em vários documentos importantes. Assim, isto estará melhor contigo. E, em segundo lugar... - ela precisou segurar bem o ar para que a voz saísse com a força necessária: - Eu não sou inglesa. Eu sou brasileira!

Aquela informação tinha a sutileza de uma avalanche. Entretanto, Machado preferiu não fazer questionamentos. Recebeu com ternura o breve abraço que Aurora lhe deu e encontrou poucas palavras para a sucinta despedida:

- Pois seja bem-vinda ao Brasil! - ele disse em riso, enquanto ela já se afastava pela orla, lançando um último olhar e um aceno com a mão direita, os dedos avermelhados pela alça da maleta segurada com tanta força.

Eles entraram em um breve espaço comercial. Machado teve, alguns espasmos fortes, tendo sido amparado por Aurora, na falta de força para segurar a bengala. Após isso, respirou lentamente, como a recuperar a força da consciência. Um homem que passava ofereceu ajuda, mas o próprio doente fez recusa:

- Não, está tudo bem, meu caro. Agradecido - disse, apoiando seus passos no braço de Aurora. Os dois, com os braços enlaçados, caminharam pela breve galeria. Machado tentou se justificar, embaraçado:

- Eu, eu às vezes tenho essas ausências...

As ausências faziam lembrar a face histórica do homem a seu lado. Todavia, a mente de Aurora não estava interessada neste tipo de divagação. Essa saúde frágil, na verdade, fazia lembrar outra coisa. Foi mais direta, deu voz a suas suspeitas:

- Eles não contratariam um homem com esta saúde, de onde eu vim...

Estas palavras surpreenderam os olhos do escritor. Por detrás dos óculos, suas sobrancelhas formaram altos arcos. Diante da reação, Aurora decidiu prosseguir:

- ... Não quero informações formais. Mas, estou curiosa, o que o senhor ganha com isso?

Eles estavam na rua, novamente. Caberia certa discricção, pois alguém poderia estar ouvindo, mas Machado tinha sido descoberto. Explicou-se da melhor maneira que pôde: - Não espero que meus livros durem para sempre. Então, eu exigi certas garantias...

Aurora não pôde segurar o riso: - Ora! Medo de seus livros não durarem?

- Veja só... - ele tentou retribuir o sorriso, mas falava sério - Preciso pensar além da Livraria Garnier. E sei que eles podem garantir isto para mim, para minhas palavras.

Além do mais, deixam-me livre com os arquivos de missão. É algo importante nestes meus tempos difíceis.

A espiã abriu a boca em espanto. Aquilo era uma condição inimaginável de contrato. Quem será que estaria por trás disso? Imediatamente, ela afastou seus braços dos de Machado. Ele pediu desculpas por gerar desconfiança, mas voltou estas palavras para Aurora:

- E eu conheço muito bem esse objeto em tua posse. Posso garantir que a senhora nada tem a ganhar com ele.

Eles se aproximavam da orla. Já era possível sentir o vento salgado se aproximar. Menos transeuntes se faziam presentes e os dedos se agarravam mais à alça da maleta. As palavras eram tentadoras, mas ainda não convenciam.

- E o senhor lá sabe o que contém este artefato? - Aurora questionou, fingindo indignação.

- Se dão tanta importância a ele, isto se dá porque desejam o que todo homem deseja: não passar, não ser ruído pelos vermes da existência.

O coração de Aurora pulou perto do isqueiro. A crueza das páginas ganhava beleza, assim, na voz de quem as depositara sobre o papel. Ela questionou:

- E por que eu nada ganharia com isso?

Machado repousou o olhar sobre os trabalhadores, por um instante. Em especial os que passavam pela orla, ao longe, em direção ao abastecimento dos comércios da corte, contrastando a beleza da claridade com o peso das escuras cargas nas costas. Muitos ali, é claro, não eram livres. Mas o que se podia fazer?

- Porque o destino de tudo é passar. A fome dos vermes é infinita. E a senhorita acha que poderemos fazer brindes no banquete final, quando somos nós mesmos o prato principal? Bem, eu nunca vi um suíno assado retirar a maçã da própria boca.

O próprio Machado riu da conclusão. Certamente, anotaria isso ao chegar em casa. Aurora, entretanto, olhava para o vazio, como se encurtasse longas jardas entre ela e um porquê. O vento se intensificava, mas pouco se importava com o cabelo, ou o chapéu, ou a cicatriz. A cicatriz.

Abriu a maleta com presteza. Entregou o livro à figura diante de si. Ele segurou, meio sem jeito, o lendário objeto. Observou-o brevemente, mais surpreso com o luxo da encadernação. Teve, entretanto, de voltar sua atenção para os olhos marejados de Aurora.

- Primeiro, eu quero que você dê um jeito nisso - ela disse, puxando o isqueiro do busto de seu vestido, pouco se importando com o que outros curiosos pudessem pensar. Deixou o objeto sobre o livro. Machado apoiou se na parede do estabelecimento ao lado, tentando se virar com os utensílios. Aurora, entretanto, continuou as instruções:

- No futuro, eu sei que você dará um jeito em vários documentos importantes. Assim, isto estará melhor contigo. E, em segundo lugar... - ela precisou segurar bem o ar para que a voz saísse com a força necessária: - Eu não sou inglesa. Eu sou brasileira!

Aquela informação tinha a sutileza de uma avalanche. Entretanto, Machado preferiu não fazer questionamentos. Recebeu com ternura o breve abraço que Aurora lhe deu e encontrou poucas palavras para a sucinta despedida:

- Pois seja bem-vinda ao Brasil! - ele disse em riso, enquanto ela já se afastava pela orla, lançando um último olhar e um aceno com a mão direita, os dedos avermelhados pela alça da maleta segurada com tanta força.

## PARTE 03: SEM DADOS

Do outro lado, após sentir o corpo tomado pela corrente fria, Aurora já sabia o que a esperava no Brasil implacável: o recolhimento. Sua casa, seria a nova prisão. O único lugar para uma mulher duplamente traidora.

Assim foi feito. A chuva na Nova São Paulo caía de forma torrencial. O carro da agência parou em frente à casa de Aurora e os agentes se estabeleceram para a vigília do primeiro dia.

Entraram por todos os cômodos com paredes pintadas de um leve e acolhedor tom róseo. Instalaram câmeras onde acharam necessário e se apossaram do quarto de visitas como uma espécie de escritório de vigilância.

Aurora passou a andar com moleto pela casa, mantendo o ar-condicionado constantemente ligado, apesar do frio arrepiante a espinha. A maior parte dos dias, ela passava na biblioteca, com acesso apenas aos seus exemplares físicos, nada de acesso a telas. Precisamente o que a mente dela precisava.

Um dia, bem cedo, sinais de pulso saíram desta biblioteca. Foram enviados reforços da agência central para lá. Nada nas câmeras, nada nos cômodos. Apenas guardas desacordados, livros pelo carpete e um forte cheiro de clorofórmio pelas entradas de ar. E o carro? Sumido.

Quando se deram conta, já era tarde. Foram precisas semanas para que um relatório minimamente conclusivo pudesse ser elaborado. Ainda assim, nada muito promissor.

O chefe de Aurora fez questão de ficar acordado, em casa, até tarde só para acompanhar o lançamento do relatório na intranete governamental. Decepção pura estampou-se em seu rosto, quando leu as conclusões:

“A agente não foi identificada. Entretanto, é preciso atentar-se para um dos livros que se encontrava aberto sobre o rosto de um dos guardas desacordados. Consta apenas um destaque, feito com força, no seguinte trecho:

*‘não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria’*

Esta obra, ‘Memórias Póstumas de Brás Cubas’, era de frequente acesso da agente. Deve-se verificar mensagens cifradas no conteúdo da obra que possam remeter ao planejamento da fugitiva”.

Fora disso, havia apenas uma informação relevante: Ana, numa madrugada, havia sido ligada sem o auxílio de cientistas que trabalhavam na máquina. Os relatórios, porém, nada indicavam, exceto uma viagem para o passado. Mas onde raios era esse “passado”?

O peso de três milênios caiu sobre os olhos do chefe de Aurora. Ex-chefe. Ele dormiu em frente ao computador. Acordou sem solução e com um irritante torcicolo. Levantou-se para buscar um anti-inflamatório. Mas estranhou, pela casa, um forte perfume de lavanda.

## Movimento Cultural Brasileiro: Explorando a Cena Autoral Brasileira

Ah, a música brasileira! Um caldeirão fervente de ritmos, vozes e histórias que não param de surpreender. Mas, peraí, você já parou para pensar no que está por trás daquele hit que toca no rádio? Não, não é só sorte ou um produtor famoso jogando dinheiro. Tem uma galera que rala, cria e transforma o cenário musical do país: os artistas independentes. Eles são a alma pulsante da cena autoral brasileira, um universo que merece ser explorado com lupa, curiosidade e, claro, uma pitada de ironia.

O que é o movimento cultural brasileiro e por que ele importa?

Quando falamos em movimento cultural brasileiro, não estamos só falando de samba, bossa nova ou forró. É um conceito muito mais amplo, que envolve a diversidade de expressões artísticas que brotam de cada canto do Brasil. É o grito das periferias, o som das florestas, a poesia das cidades grandes e pequenas. É a resistência, a inovação e a identidade que se moldam a cada acorde.

Esse movimento é vital porque mantém viva a chama da criatividade nacional, especialmente em tempos onde a indústria cultural tradicional parece mais preocupada em replicar fórmulas do que em apostar no novo. É aí que os artistas independentes entram em cena, com suas ideias fresquinhas e vontade de mostrar que dá para fazer diferente.

### Dicas práticas para artistas independentes se destacarem

Agora que já sabemos o quanto a cena autoral brasileira é rica e cheia de oportunidades, que tal algumas dicas para quem quer entrar nesse jogo e não ficar só na vontade?

1. Invista na sua identidade - Não adianta querer ser uma cópia do que está bombando. O público quer autenticidade, quer sentir que você é único.
2. Use as redes sociais a seu favor - Elas são suas vitrines. Poste conteúdo relevante, mostre seu processo criativo, interaja com quem te acompanha.
3. Grave com qualidade, mesmo que simples - Hoje em dia, dá para fazer muita coisa boa com equipamentos acessíveis. O importante é o cuidado com o som.
4. Participe de eventos e festivais locais - Networking é tudo. Conhecer outros artistas, produtores e público pode abrir portas.

5. Seja persistente e paciente - O sucesso não vem da noite para o dia. É um trabalho diário, cheio de altos e baixos.

Essas estratégias são o mapa do tesouro para quem quer navegar na cena autoral sem naufragar.

### O futuro da música independente no Brasil

Se tem uma coisa que a cena autoral brasileira prova é que o futuro da música no país está nas mãos de quem não tem medo de arriscar. Com a tecnologia avançando, o acesso a plataformas de streaming e a uma audiência global, as possibilidades são quase infinitas.

Claro, ainda existem desafios - falta de investimento, dificuldade de acesso a grandes mídias, e aquela velha luta para ser ouvido em meio a tanta informação. Mas a garra dos artistas independentes é maior que tudo isso.

E cá entre nós, se a indústria tradicional não se mexer, vai acabar ficando para trás enquanto essa nova geração cria, reinventa e conquista seu espaço.

Então, prepare-se para ouvir muito mais sobre essa galera que está fazendo barulho, literalmente, e mostrando que a música brasileira é um universo em constante expansão.

Quer saber mais sobre como essa revolução acontece? Fique ligado, porque a cena autoral brasileira está só começando a mostrar seu poder.

Pronto para mergulhar de cabeça nesse universo? A hora é agora. A música brasileira nunca esteve tão viva e cheia de histórias para contar. E você, vai ficar de fora?

[ACESSE O PORTAL DISSONANCIA.COM](http://ACESSE O PORTAL DISSONANCIA.COM)



# ESTAR NA DISSONÂNCIA NÃO É SORTE É CONSEQUÊNCIA

A próxima capa pode ser a sua

